



Editorial

A juventude volta a ser tema de capa do boletim do IHU. Há meses, discutimos o nomadismo dos jovens, hoje. Nesta semana, debatemos o desafio da violência juvenil e o modo como ela é tratada pela mídia. Ronaldo César Henn, Carmen de Oliveira, pesquisadores da Unisinos, Rodrigo de Azevedo, pesquisador da UFRGS, Esther Hamburger, professora da Escola de Comunicações e Artes da USP, Alex Niche Teixeira, professor nas Faculdades Rio-

Grandenses – FARGS, de maneira interdisciplinar, debatem o tema que, atualmente, é um desafio para a sociedade brasileira. Aliás, “violência, sociedade e cultura” é um dos grupos de trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, cujo 27º Encontro Anual se realizou recentemente em Caxambu, MG. A recente demissão do secretário nacional de segurança pública, Luiz Eduardo Soares, recolocou o tema da violência nos jornais e na agenda da própria ANPOCS.

O IHU Idéias abordará, nesta semana, o tema “Balas perdidas na imprensa: a violência juvenil em debate no RS”.

Como contribuição para a análise da conjuntura brasileira, colocamos à disposição uma instigadora entrevista de Joseph Stiglitz, na qual ele analisa, além do significado do recente fracasso da reunião da OMC, em Cancún, a política econômica do governo Lula, comparando-a com a do governo Clinton. Esta entrevista, juntamente com o artigo “FHC, Lula e a ‘missão paulista””, inspirado no livro do sociólogo Gilberto Vasconcellos, podem ajudar a entender melhor o atual governo, que tantas perplexidades tem causado.

Uma ótima leitura e uma excelente semana!

VIOLÊNCIA JUVENIL: A IMPRENSA FOGE DESSE DEBATE

*IHU On-Line entrevistou os professores da Unisinos Dr. Ronaldo César Henn e Dr^a. Carmen de Oliveira sobre o tema que apresentarão no **IHU Idéias** da próxima quinta-feira, dia 6: Balas perdidas na imprensa: a violência juvenil em debate no RS. Ronaldo, do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, é graduado em Jornalismo, e mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São*

Paulo, PUC-SP. É autor dos livros **Pauta e Notícia, uma Abordagem Semiótica** (Canoas: Editora da Ulbra, 1996) e **Os fluxos da notícia, uma semiótica sistêmica** (São Leopoldo: Unisinos, 2002). Carmen é professora do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos. Graduiu-se em Psicologia, cursou mestrado em Psicologia Clínica e obteve doutorado na mesma área, também na PUC-SP. É autora de **Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade** (Porto Alegre: Sulina, 2001). IHU On-Line publicou uma entrevista com a professora sobre jovens e Hip-Hop na edição nº 71, do dia 18 de agosto de 2003. Conforme os dois pesquisadores, a imprensa não contextualiza, subestima e até evita o problema da violência juvenil, que aparece como resultante de indivíduos desequilibrados, sobre os quais as comunidades não parecem ter responsabilidades. O **IHU Idéias** é gratuito e acontecerá na sala 1G119, das 17h30min às 19h.

IHU On-Line – Como a pesquisa foi feita e quais suas constatações básicas?

Ronaldo Henn – Examinamos como a violência juvenil aparecia na mídia. Trabalhamos com os jornais **Zero Hora** e **Correio do Povo**, no ano de 2001, durante os meses de janeiro a abril. Fizemos um levantamento das notícias sobre crime para identificar sobretudo as fontes preponderantes, os focos, os enquadramentos, os temas relevantes e os destaques, as tipologias de crime que iam aparecendo. No bojo dessa pesquisa, apareceu a criminalidade juvenil como algo subdimensionado.

IHU On-Line – Como se apresenta esse subdimensionamento?

Carmen de Oliveira – Ele aparece numa relação inversa ao que as estatísticas têm demonstrado no Brasil. Na verdade, o adolescente é muito mais vítima da violência do que autor da violência. Mas as páginas policiais da **Zero Hora** dão uma impressão contrária. Por exemplo: uma matéria, com uma grande manchete, informa que um adolescente matou um motorista de táxi. E no rodapé, numa notinha singela, em poucas linhas, informa que um adolescente foi encontrado morto nos matagais de São Leopoldo. Cabe perguntar por que se dá mais ênfase à prática da violência desse adolescente, do que à praticada contra um adolescente, noticiada na mesma página. As estatísticas mostram que, para cada adolescente que pratica um homicídio, nós temos quase cinco adolescentes que morrem vítimas de homicídio.

IHU On-Line – Quais são as características dessa violência?

Carmen de Oliveira – Os delitos predominantes dos adolescentes infratores, no Brasil, são os praticados contra o patrimônio, numa proporção de quase 60 por cento. Delitos contra a vida ocorrem na proporção de 20 por cento. Mesmo assim, o adolescente é mais vítima do que propriamente o autor. São delitos que servem como “atalhos de reconhecimento social” em uma sociedade onde esse adolescente de periferia tem baixa escolaridade. Ele tem poucas chances de ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais seletivo e, ao mesmo tempo, há muitos apelos de consumo colocados a esse consumidor jovem, a exemplo das roupas de grife, que são verdadeiras senhas de reconhecimento no campo social. Sendo barradas as chances de mobilidade social, muitas vezes só resta ao adolescente a sedução de buscar no delito uma forma não só de obtenção de renda, mas também de prestígio social. Na vila, o bandido sinaliza para a juventude não só uma possibilidade de ganhos financeiros que o assalariado não conseguiria, mas também a ascensão social.

IHU On-Line – Como os jornais registram os episódios de violência?

Ronaldo Henn – Além do subdimensionamento mencionado, que faz parecer que o crime contra a vida seja algo recorrente, o que não corresponde às estatísticas, há a redução das fontes com as quais os jornalistas de polícia trabalham. As fontes citadas, de 80 a 90 por cento,

são fontes policiais. E grande parte delas baseia-se unicamente nos boletins de ocorrência, não há investigação. E os homicídios dos quais o jovem é vítima aparecem apenas como notas. Muitas vezes, elas não são nem identificadas, são pessoas sem rosto, sem referências. Esses homicídios ocorrem mais nos fins de semana, e, nas segundas-feiras, os jornais registram, em média, de oito a casos.

Carmen de Oliveira – Foi feita uma pesquisa em nível nacional pela Agência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que trabalha para criar uma política de comunicação respeitosa aos direitos. Nessa pesquisa, a **Zero Hora** está em 17º lugar no ranking das empresas jornalísticas quanto ao tratamento do assunto. Trata-se de uma pesquisa que avalia aspectos quantitativos e de conteúdo (o **Correio do Povo** não foi incluído na amostra) e assinalou os problemas que a nossa pesquisa identificou, como a redução das fontes. E isso é problemático, porque deveríamos ter delegacias da criança e do adolescente, especializadas, conforme a lei possibilita. Como não existe essa rede de delegacias, não temos também policiais com treinamento específico para esse tipo de flagrante, esse tipo de registro da ocorrência. A nossa pesquisa também mostrou que, quando se trata um jovem de melhores condições econômicas, o cuidado com as fontes é visível. Aí aparece um familiar dando depoimento, o próprio jovem se defendendo, o seu advogado, um especialista... Quando é o jovem anônimo da periferia, ele transforma-se em duas ou três iniciais, e a fonte é o boletim de ocorrência.

IHU On-Line – Os jornais acentuam os traços da violência praticada pelos mais pobres? Qual é a “cara” desse jovem violento, conforme a pesquisa?

Ronaldo Henn – Existe uma certa estereotipia, é um menino de rua, um jovem de periferia, na faixa etária de 16 a 18 anos, que já teve passagens pela polícia. Mais do que acentuar a violência dos jovens das periferias, ao mesmo tempo em que é dado um grande destaque a um latrocínio, por exemplo, isso vai repercutir em outros jornais. Então começa a se criar uma discussão em torno da legislação relativa aos jovens, a redução da idade penal. Cria-se um insumo para que esse tema entre em pauta e vá para todos os campos opinativos dos jornais e para os demais veículos. Gera-se um fato noticioso de repercussão midiática ampla.

IHU On-Line – Os veículos pesquisados apresentam diferenças significativas no tratamento do tema?

Ronaldo Henn – A ênfase da **Zero Hora** é mais acentuada do que a do **Correio**, mas as diferenças não são grandes. Os problemas em relação à redução de fontes e a falta de nexos contextuais estão em todos os jornais.

Carmen de Oliveira – A diferença maior diz respeito ao fato de que a **Zero Hora** deixa este tipo de notícia mais espalhada ao longo das suas páginas, inclusive nos editoriais, enquanto no **Correio** ela fica concentrada na página policial.

Ronaldo Henn – No período pesquisado, há uma clara migração da temática da criminalidade para outras editorias, ela fica pulverizada nas colunas, na política, no editorial...

IHU On-Line – Como essa descontextualização se manifesta?

Ronaldo Henn – As mortes são noticiadas como fatos isolados, não são conectados com a questão mais ampla da grande violência, da qual o jovem é a vítima central.

Carmen de Oliveira – Os episódios que aconteceram recentemente na região de Passo Fundo, o desaparecimento dos meninos, agora começa a ter um certo nexos, mas o tratamento inicial da notícia foi como se isso fosse algo pontual, individualizado. Como se fosse um problema de um garoto, como se isso não tivesse nada a ver com a comunidade, com o seu município. Por

exemplo, quando há notícias de assaltos em São Leopoldo, ou briga de jovens, não há referências sobre o quadro da violência juvenil nesse município, que é grave, porque há uma insuficiência de políticas públicas voltadas para a juventude. As notícias não se referem à problemática geradora dessa situação, como se o menino tivesse entrado em surto e pegado uma arma; como se não existisse uma engrenagem produzindo esse tipo de comportamento, esse tipo de sintoma social.

IHU On-Line – Em algum momento essas notícias são contextualizadas?

Ronaldo Henn – Raramente, às vezes nos editoriais. Houve um episódio em Santa Maria, uma chacina que foi noticiada com destaque, porque parecia ser uma nova modalidade de crime que se instalava no Estado. Então houve editoriais, em especial na **Zero Hora**, assinalando a preocupação com esse crime, mas essa preocupação estava mais voltada ao surgimento de crimes novos do que com a generalização da criminalidade. Em geral, esse tipo de notícia serve de suporte para manifestações de opiniões pré-estabelecidas sobre o tratamento penal, normalmente favorecendo uma visão repressiva, a pena de morte.

Carmen de Oliveira - No caso do jovem, a notícia é mais descontextualizada. Nos conteúdos voltados para os jovens, se pautam drogas, gravidez, aids. Mas a violência juvenil não é relacionada nos cadernos juvenis. Se queremos trabalhar uma nova mentalidade da juventude sobre as drogas e a violência juvenil, ela poderia estar classificada como um problema dessas novas gerações, e não como uma notícia de página policial. Os especialistas falam sobre todas as áreas, mas não sobre violência juvenil. A **Zero Hora**, aliás, é um dos poucos jornais com grande tiragem que mantém páginas policiais. E sabe-se que os jornais não têm mais as páginas policiais, têm mais qualidade investigativa, trabalham com outra lógica na veiculação da notícia. Na **Folha de São Paulo**, por exemplo, esse tipo de assunto está no caderno “cidade”.

Ronaldo Henn – Vale destacar que, no levantamento que fizemos, a descrição de como o corpo do jovem em situação de vítima é encontrado, sugere duas coisas: confronto com a polícia ou disputa pelo controle do tráfico. São indícios bem evidentes que não são explorados jornalisticamente.

ESCOLA, DESEMPREGO E VIOLÊNCIA

Entrevista com Rodrigo de Azevedo

Rodrigo de Azevedo é doutor em Sociologia pela UFRGS e pesquisador do grupo de pesquisa Violência e Cidadania. O programa envolve três professores e os alunos do Programa que trabalham a questão da violência. A pesquisa aborda a violência na Escola, a formação e reforma do sistema policial e um mapeamento da violência no Município de Porto Alegre que busca situar espacialmente os principais delitos na cidade. Há um estudo da reincidência do sistema prisional um acompanhamento do funcionamento do sistema de justiça criminal.

IHU On-Line- Qual é o perfil mais encontrado na criminalidade em Porto Alegre?

Rodrigo de Azevedo- A maioria das vítimas dos homicídios se situam entre 15 e 25 anos de idade. Esse fenômeno é nacional, não acontece só no Estado. Mais da metade dos índices de homicídio no País se concentram nessa faixa etária e no sexo masculino. Nessa faixa etária, existe uma relação com o problema de tráfico de drogas. Criminosos que atuam na periferia dos grandes centros têm uma grande capacidade de atração dessa juventude que se encontra com dificuldade de ingresso no mercado de trabalho e vêem também, nessas organizações, uma

possibilidade de obtenção de reconhecimento e status. Boa parte da criminalidade violenta no Brasil ocorre dentro dessas organizações, em conflitos entre traficantes e disputas de espaços nessas áreas de periferia ocupadas pelo mercado da droga.

IHU On-Line- Quais as causas mais próximas que justifiquem a violência nas escolas?

Rodrigo de Azevedo- Trabalhamos primeiro com a idéia de que há uma dificuldade de diálogo dessa geração de jovens. Eles não encontram acesso a meios de negociação de seu espaço na sociedade, um problema que vem desde a família, passa pelo estado e pelas demais instituições que teriam responsabilidade de abrir esse espaço de integração social. A violência vai aparecer, muitas vezes, como uma tentativa quase desesperada de colocar as suas demandas no espaço público, já que ela é um meio, e não um fim. Esse meio é utilizado especialmente em situações que caracterizam nossa sociedade com uma grande exclusão social.

IHU On-Line- São similares as formas de violência nas escolas particulares e as públicas?

Rodrigo de Azevedo- A violência aparece também em escolas de classe mais alta, no entanto, nas escolas particulares, existe uma preparação para dar conta dessa demanda de integração social, com o ensino de línguas, informática, artes. Nas escolas públicas, que têm parcelas de alunos de mais baixa renda e não têm essa capacidade de oferecer outras possibilidades de acesso ao mercado de trabalho, gera-se uma insatisfação muito grande. Muitas vezes, faltam professores e não há condições de ensino básico. Isso vai criando um tensionamento entre os estudantes que acaba resultando em atos de violência. Estes fatos, a questão do tráfico e a presença de armas entre alguns estudantes, que já foi constatada, devem ser considerados em conjunto. Uma ação de sucesso, nesse sentido, foi o projeto de abertura das escolas nos finais de semana. Esse projeto foi iniciado pelo Município de Porto Alegre, e hoje, a Secretaria Estadual de Educação também o adotou. Constatou-se um distanciamento muito grande entre a escola e a comunidade. A comunidade não via na escola um órgão público que fosse de seu interesse. Agora as escolas oferecem outras atividades além das de sala de aula, e a comunidade se aproximou, o resultado foi uma redução visível dos atos de vandalismo.

IHU On-Line- Há algum dado relacionando esses jovens que realizam atos violentos nas escolas e a sua constituição familiar?

Rodrigo de Azevedo - Há estudos que mostram uma relação entre a delinqüência juvenil e as famílias onde a figura paterna está ausente. Não podemos absolutizar esse tipo de dados, mas quando há uma total desresponsabilização de uma das figuras em relação à criação dos filhos, que geralmente é a paterna, há uma tendência maior dos jovens de se descolarem do ambiente familiar e de terem um insucesso na escola. A crise do ambiente doméstico e o insucesso na escola vão encaminhando o jovem à criminalidade.

IHU On-Line- Como as políticas públicas contemplam a realidade de violência juvenil?

Rodrigo de Azevedo- Pensar na violência juvenil é pensar numa política integral, de atendimento aos jovens, e é passar longe da discussão de redução da maioridade penal e dessa crença de que por meio de punições, de encarceramento, de institucionalização do jovem, se poderia ter uma solução. O Estado devia acompanhar mais a situação familiar, em que, além da ausência da figura masculina, existe a violência doméstica. Faltam políticas de combate à violência doméstica. Investir mais em formação de professores para atender uma clientela que é bastante exigente e para que se integre a um mercado de trabalho exigente e

excludente. Precisamos políticas públicas relacionadas com a educação e relacionadas a atividades culturais e de lazer. Coisas que valorizem a produção cultural da própria comunidade.

IHU On-Line- Tem havido mudanças com os novos governos federal e estadual?

Rodrigo de Azevedo- Não diria que tem havido mudança significativa. Existe uma grande dificuldade de articulação dos diversos atores nessa área: o governo estadual, governo federal, governos municipais e organizações da sociedade civil. Podemos ver coisas que estão mudando como a própria questão da Febem, que mudou de nome, agora é FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo) numa tentativa de adequação, como, por exemplo, a separação de jovens infratores de jovens em situação de vulnerabilidade e a tentativa de atendimento a esses jovens. Precisa-se de um diálogo que rompa a divisão estado e sociedade civil, de um diálogo interdisciplinar.

Historicamente, nós temos problemas no funcionamento do Estado, na área de segurança pública. O Estado, muitas vezes, atua sem respeitar os direitos fundamentais, de uma forma arbitrária, quando deveria primar pelo respeito aos direitos fundamentais. Não pode acontecer que o jovem vá para o internamento, que seja isolado da sociedade, teria que ser ao contrário, uma reinserção, mas, ele é estigmatizado e volta de uma forma pior. Esses vários níveis, muitas, vezes estão ausentes do debate público. Esse debate está buscando respostas simplistas, como reduzir a idade penal e colocar o jovem aos 16 anos nas penitenciárias, que já estão superlotadas e não têm cumprido esse papel de reintegração.

IHU On-Line- Quando se fala em violência parece que sempre estamos falando de “eles”, “outros”, não vivemos numa sociedade violenta e há elementos anteriores que também nos dizem respeito?

Rodrigo de Azevedo- Responder a isso é complexo, mas é importante. Acredito que a violência esteve presente na sociedade brasileira como uma forma de resolução de conflitos. A diferença, que tem aparecido agora, e tem assustado algumas pessoas, é que a violência antes estava vinculada à hierarquia da sociedade, vinha de cima para baixo. Ela se expressava numa forma de dominação historicamente adotada em relação a negros, a índios, no ambiente doméstico, a relação do homem com a mulher e os filhos, então havia uma certa naturalização dessa violência, porque ela estava vinculada ao poder. O que está mudando é que essas hierarquias estão em crise, a sociedade não aceita mais esse poder hierárquico que não se justifica por nada além dessa própria hierarquia. Com isso a violência começa a mudar de sentido, a ser de baixo para cima. Ela começa a aparecer no meio desses setores sociais excluídos para colocar suas demandas no estrato público, já que não encontram outras maneiras e já que a violência é uma maneira extremamente eficaz, porque tem repercussão midiática. Temos que levar isso em conta e não ter uma postura de que as coisas estão cada vez pior, entender que essas formas de violência nas cidades contemporâneas devem ser compreendidas a partir de demandas sociais não respondidas que a sociedade, nós, temos que encarar.

IMAGENS E ALTERNATIVAS PARA RETRATAR A VIOLÊNCIA

Entrevista com Esther Hamburger

Esther Hamburger é doutora em Antropologia pela University of Chicago, U.C., Chicago, Estados Unidos e pós-doutora pela University of Texas System, U.T.S., Austin, Estados Unidos. Professora da Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Cinema Rádio e Televisão da USP, escreveu diversos livros.

Destacamos o mais recente que é **Ópera do Sabão, Intimidade e Política nas Telenovelas Brasileiras**. Rio de Janeiro : Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. Esther Hamburger conversou com **IHU On-Line** sobre a forma como a TV e o cinema retratam a violência de maneira geral e o jovem e a violência de maneira particular.

IHU On-Line- A pesquisa no Brasil tem abordado o suficiente a relação cinema-violência?

Esther Hamburger- Ao falarmos de violência e cinema, devemos falar também de TV e fotografia, ou seja, a imagem em geral e a violência devem ser abordados juntos, estão interligados. O tema não é novo e já motivou muitas pesquisas em vários campos, mas, muitas vezes, foi abordado numa busca da relação causa-efeito, o que acho um caminho estéril.

IHU On-Line- Sobre que outras abordagens de violência e imagem são mais urgentes refletir do que a relação causa-efeito?

Esther Hamburger- Atos violentos como o de WTC, no 11 de setembro, foram planejados de acordo com as regras cinematográficas, no *time* de televisão, ou seja, o segundo ataque foi minutos depois do primeiro para dar tempo às câmeras. Essa dimensão de espetáculo audiovisual faz parte do atentado. É uma dimensão intrínseca. O homem-bomba, por exemplo, causa pequenos atos com repercussão imagética e midiática internacional. Esses atos estão pensados com essa dimensão midiática. Os autores desses atos se apropriam do mecanismo de reprodução do espetáculo. Com isso fazem com que as explosões entrem nas pautas de notícias. A mídia perde um pouco o controle da pauta. Essas explosões têm um significado se ninguém as vê e têm outro significado se vai ao ar para o mundo inteiro. A imagem está aí muito ligada à ação política. Quem faz o atentado se apropria da imagem não sendo proprietário de nenhuma emissora e sistema de produção, mas, domina a tal ponto a técnica da produção da notícia que é capaz de produzir um evento que tem cobertura garantida.

IHU On-Line- Como representar a violência sem ignorá-la e sem contribuir para que ela se propague?

Esther Hamburger- Há várias tentativas e cada uma tem vantagens e problemas. É um assunto que precisa de pesquisa. Posso citar, por exemplo, uma iniciativa de Kiko Goifman, um cineasta e videomaker, que produziu um documentário chamado *Morte densa*. O trabalho mostra relatos de pessoas que cometeram assassinatos. Trata-se de pessoas que não têm personalidade violenta, nem vivem em situação de carência social, mas cometeram crimes, movidos por tensões particulares, afetivas do momento. Ele opta por esse tema e mostra um fundo preto, sem imagens, além dessas pessoas contando e rememorando os fatos. É uma opção: sem imagens sensacionalistas, mas abordando um tema extremamente violento. Outra opção é o caso do filme *Ônibus 174*. Nele é reconstituído um fato real em que a própria câmera fez parte do acontecimento, em que um homem manteve um ônibus seqüestrado durante um dia inteiro, e isso era mostrado ao vivo, e ele mesmo atua de determinada forma na frente da tevê. Ambos os casos tentam refletir com opções bem diferentes: o primeiro, com imagens discretas e palavras que calam fundo na alma, o segundo organiza as imagens com uma lógica que procura trazer à cena pública a versão que seria do seqüestrador que acabou morrendo. Foi uma versão alternativa à que as pessoas assistiram quando o fato ocorreu.

IHU On-Line- O cinema brasileiro está abordando a violência com maior frequência atualmente?

Esther Hamburger- A violência, desde sempre, perpassa o cinema brasileiro. Já o cinema novo buscava mostrar que a sociedade brasileira era violenta, numa época em que ela se via

como cordial e conciliadora. O cinema novo questionava essa representação pacífica. Hoje, a violência faz parte do reconhecimento nacional, além de que tem havido um aumento de violência, por isso o tema está fortemente em pauta. Hoje se aborda muito a relação entre pobreza e violência. Acho que todos esses filmes têm seu mérito, cada um a seu modo. *Cidade de Deus*, por exemplo, está muito bem acabado e dá ao cinema brasileiro uma potência e uma cumplicidade com o público que não tinha há muito tempo.

IHU On-Line- Quais as relações entre jovens e violência que o cinema e a tevê estabelecem?

Esther Hamburger- As abordagens são muito diversificadas. A minissérie da Globo, *Cidade dos Homens*, por exemplo, mostra diversas relações possíveis entre o jovem e a violência. Inclusive, no ano passado, houve um episódio em que mostravam um jovem branco de classe média e um jovem negro pobre deixando em evidência algumas visões estereotipadas que cada um tinha do outro. Geralmente na mídia há um estereótipo que associa mais a violência às pessoas jovens, de sexo masculino, negros e pobres. Por outro lado, não se pode pretender que o cinema e a tevê se amarrem à realidade, ao politicamente correto. O artista representa utopias, talvez isso consiga mudar alguma coisa.

IHU On-Line- As pesquisas que estabelecem relação entre o grau de violência das pessoas e as horas em que elas assistem a imagens violentas na TV estão ultrapassadas?

Esther Hamburger- É muito difícil provar essa relação, eu diria impossível. Essas pesquisas partem do princípio de que aquele conteúdo de TV não tem nada a ver com o jovem que está assistindo, que a única relação que ele tem com esse conteúdo é o que vê. Isso é uma falácia, porque as pessoas que produzem televisão e as que assistem a ela vivem na mesma sociedade. Fazem parte de um mesmo repertório. Também não podemos dizer que a produção desse conteúdo não tenha nenhum intuito. Seria muito ingênuo achar que o conteúdo do que vai ao ar não faz diferença nenhuma, e muitas pesquisas de recepção tendem a ir por aí. A falta de problematização das representações da violência acaba naturalizando certas imagens e relações. A violência, de tanto ser vista, torna-se assunto que justifica cobertura, seria uma das celebridades que tem direito a ocupar espaços midiáticos.

O CRIME VIOLENTO COMO ESPETÁCULO

Entrevista com Alex Niche Teixeira

*Alex Niche Teixeira é mestre em Sociologia pela UFRGS, com dissertação intitulada **A espetacularização do crime violento pela televisão: o caso do programa Linha Direta**. Ele é professor nas Faculdades Rio-Grandenses – FARGS. Alex concedeu entrevista a IHU On-Line sobre a violência no programa Linha Direta. Os interessados podem encontrar a dissertação do professor no sítio www.professoralex.pop.com.br. O Instituto Humanitas Unisinos publicou no **Cadernos IHU Idéias** número 3 o artigo O Programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo, escrito pela jornalista Sonia Montañó.*

IHU On-Line- De que maneira o Sr. percebe a violência na TV de modo geral? Essa violência está mais presente em que tipo de programas e de que forma?

Alex Teixeira- A violência está na televisão assim como está na sociedade. Nesse sentido, não cabe perguntar se a televisão reproduz a violência ou a "cria". Os "media" já não podem mais ser tratados como uma instância que se opõe à realidade. Estamos num tempo em que nossa noção de real é perpassada pelos meios de comunicação, de tal forma que parecemos somente

existir dentro desta rede de informações. Cada vez mais é difícil fazer uma distinção entre o real e o simulado, e isso pode significar que as interações sociais ganham cada vez mais este aspecto dramatizado, espetacular, da vida apresentada pela televisão. O drama, o apelo desmedido às emoções caracteriza a maioria dos programas que abordam temáticas violentas, não parecendo mais caber distinções sobre gênero, como “programa de jornalismo”, “programa de entretenimento”, etc. Veja-se o Linha Direta da Rede Globo, que mistura jornalismo, dramaturgia e ainda acrescenta uma forma de interação com os espectadores no intuito de conseguir informações acerca dos casos criminais apresentados.

IHU On-Line- O que se pode dizer em relação aos efeitos que a violência televisiva pode produzir em adolescentes e jovens e na população em geral?

Alex Teixeira- Há uma tendência geral entre os estudiosos do tema em afirmar que a violência nos meios de comunicação não tem o poder de estimular a violência na sociedade. Um dos argumentos mais antigos para isso é o de que a televisão é uma senhora de 50 anos enquanto a violência é um fenômeno milenar. No entanto, diversos estudos realizados com crianças e adolescentes, principalmente na área da psicologia, têm demonstrado que a exposição a imagens de violência dentro de determinados contextos narrativos pode provocar alguns efeitos sim. Não se trata de uma cena de violência tomada isoladamente, mas do tratamento que é dado a ela. Em outras palavras, quando, em um filme ou novela, o agressor não recebe nenhuma sanção pelo ato violento cometido isso pode colaborar para a construção de uma noção de permissiva relativa a comportamentos agressivos. Da mesma forma, quando a violência parece não causar dano àquele que a sofre, cena comum em alguns desenhos animados, pode-se estar contribuindo para a insensibilidade e, portanto, a naturalização de comportamentos violentos.

IHU On-Line- Como é construído esse espetáculo de violência televisiva no programa Linha Direta?

Alex Teixeira- O Linha Direta é um programa peculiar na história da abordagem à criminalidade violenta na televisão brasileira. Embora já houvesse existido “O homem do sapato branco”, “Cadeia Nacional”, “Aqui Agora” e mesmo “Cidade Alerta” e “Brasil Urgente” pela primeira vez juntou-se jornalismo, dramaturgia e interação em um só programa com esta temática. Além disso, há elementos para afirmar que, a partir de sua atuação, de aparente cooperação com as agências formais de controle (polícia e justiça), o Linha Direta opera uma relativização dos papéis destas instituições na sociedade, na medida em que procura legitimar um campo próprio de construção de verdades sobre vítimas e criminosos, uma vez que grande parte do levantamento das informações sobre os casos apresentados é feita pelo próprio programa. A “linha direta” oferecida aos espectadores para realização das denúncias é um canal indireto de realização da justiça, como a consolidar que a única forma de se fazer justiça neste país é por intermédio da ação dadivosa.

IHU On-Line- O que faz com que o programa permaneça no ar durante tanto tempo e tenha estado, muitas vezes, em quarto lugar na audiência da Globo?

Alex Teixeira- Há, pode-se dizer, um atrativo nas mensagens sobre a violência que é de caráter geral, e caráter geral e basta olhar rapidamente para as pautas de jornais e programas de tv ou de rádio para confirmar aquela máxima de que “violência, assim como sexo, vende”. Mas quando a violência está relacionada com questões como a impunidade, que varia de acordo com os contextos sociais, o público brasileiro pode apresentar um interesse especial, pois não se pode perder de vista o histórico recurso à violência para a resolução dos conflitos

de toda a ordem na sociedade brasileira, na maioria das vezes, por parte dos próprios poderes públicos. Há uma demanda por justiça, e o interesse pelo programa pode estar baseado nesta necessidade da população brasileira de encontrar canais de participação, nem que seja pela delação, o que propõe o programa.

Mas também há uma questão menos politizada desta relação com os meios de comunicação, que é a necessidade de as pessoas verem o trágico e se confortarem por aquela situação apresentada não estar acontecendo com elas. Aliás, no que se refere à grande audiência do programa, provavelmente este aspecto de entretenimento, que leva à catarse, opere com mais eficácia. Não tenho dados de recepção para afirmar nada a respeito disso, mas acredito que a audiência média tenda a assistir ao programa mais pelo envolvimento emotivo, provocado pelos dramas pessoais reconstruídos pelo Linha Direta do que pela possibilidade de colaborar com a justiça.

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de Conjuntura

FHC, LULA E A “MISSÃO PAULISTA”

*Artigo de Marcos Augusto Gonçalves, editor de Opinião da **Folha de S. Paulo**. Foi publicado naquele jornal em 30-10-03, sob o título **FHC, Lula e a “missão paulista”**. O autor rememora as afinidades históricas CUT-USP-Fiesp e as origens comuns do PT e do PSDB na luta pela redemocratização. Registra a guinada à direita dos governos de FHC mas assinala que, apesar disso, o PT ainda tem mais afinidades programáticas com o PSDB (ao menos com a esquerda peessedebista) do que com seus atuais aliados. Ao ignorar as potencialidades dessa aliança, o atual governo atua “aquém da fronteira a ser desbravada”.*

O governo petista poderia ser visto como mais um episódio do processo de retomada da hegemonia política pela sociedade emergente paulista depois do ciclo militar. A aliança formada em São Paulo por ocasião da luta pela redemocratização, que poderia ser resumida na trinca "CUT-USP-Fiesp" [Federação das Indústrias do Estado de São Paulo] (como sugeriu em outros tempos o sociólogo Gilberto Vasconcellos, autor de **O Príncipe da Moeda**, Editora Espaço e Tempo, 1997), produziu um agrupamento político no qual as diferenças entre as partes não impediram o compartilhamento de ações e de visões. Nessa perspectiva, o governo Lula seria ainda um desdobramento do projeto político modernizador que unia a frente paulista antes da expansão de seu núcleo e de sua subdivisão. A candidatura de Fernando Henrique ao Senado, em 1978, foi um dos momentos exemplares dessa conjunção. Ali, a *intelligentsia* uspiana, a nova elite sindical e parte da avenida Paulista estavam perfeitamente representadas. Além dos anseios democráticos, esse ajuntamento político, por mais que divergisse, foi moldando um patrimônio comum de aspirações "civilizatórias", progressistas e republicanas: uma nova Constituição, desenvolvimento econômico, modernização das relações capital-trabalho, eficiência e impessoalidade na gestão da coisa pública, promoção da cidadania, redução das desigualdades, etc.

O interregno entre o fim da ditadura e a chegada do primeiro representante legítimo da "missão paulista" à Presidência, precisamente o senador-sociólogo, serviu para demonstrar que a

empreitada exigiria um convívio complexo com as demais forças políticas, tanto as novas como as tradicionais, ligadas à ordem progressista e ao populismo de direita e de esquerda. Esses embates deram mais nitidez às diferenças internas daquela antiga galáxia política - que se cristalizaram em partidos e linhas colidentes. PT e PSDB foram as formas mais acabadas da cisão da frente paulista original. Em 1994, quando alguns imaginaram que a candidatura de FHC pudesse propiciar uma quase natural aliança de centro-esquerda com o PT, reunindo, em novas circunstâncias, os amigos de outros tempos, eis que o príncipe havia decidido apostar na atração da centro-direita para consolidar seu projeto, que, no final das contas, renunciado de forma selvagem por Fernando Collor de Mello, passava por um upgrade na inserção do País na nova ordem global - o que ao PT, àquela altura, ainda soava como mero entreguismo "neoliberal".

Ficaram, assim, os antigos aliados fazendo o papel de situação e oposição. FHC fez o que se sabe: "paulistizou" o Brasil no bom e no mau sentido. Promoveu reformas e códigos republicanos e caiu em armadilhas liberais com patrocínio dos mercados financeiros. A Fiesp, então, tratou de aproximar-se cautelosamente de um PT que enfatizava compromissos com o emprego e a produção, com a vantagem de passar - a despeito das aparências - por um claro processo de rediscussão e moderação política. A eleição de Lula viria para completar a metade do projeto paulista que a expedição tucana deixara por fazer: recolocar a produção no eixo da economia e integrar as massas aos benefícios do crescimento. Nada muito diferente do que a esquerda tucana de José Serra pretendia (em tese, Lula e Serra, PT e PSDB, poderiam estar juntos; são muito mais próximos do que PT e PL ou PT e PTB). Até aqui, no entanto, o governo petista tem atuado aquém da fronteira a ser desbravada. Mas é cedo ainda para saber como esse incompleto ciclo paulista irá chegar ao fim.

FRACASSO DA OMC – VITÓRIA DA DEMOCRACIA

*Joseph Stiglitz é prêmio Nobel de economia (2001), ex-conselheiro do presidente Bill Clinton (1993 a 1997), importante economista do Banco Mundial (1997-2000) e autor do livro **A globalização e seus malefícios** (São Paulo: Ed. Futura, 2003). Sua última obra publicada é **Quand le capitalisme perd la tête** [Ainda sem tradução. Literalmente, "Quando o capitalismo perde a cabeça".] (Paris: Ed. Fayard, 2003); e ele acaba de lançar no Brasil **Exuberantes anos 90. Uma nova interpretação da década mais próspera da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Reproduzimos a entrevista que concedeu ao **Libération**, em 25-10-02, onde ele destaca a posição correta dos países em desenvolvimento nas negociações da Alca e alerta para uma possível e inconveniente afinidade entre os governos Lula e Clinton: a preocupação com a estabilidade financeira em detrimento dos programas sociais. A tradução é dos colegas do CEPAT aos quais agradecemos. Os subtítulos são nossos.*

Libération – Como você avalia o fracasso do encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC) há um mês em Cancún?

Joseph Stiglitz - A derrota da OMC em Cancún é uma vitória da democracia. No passado, os Estados Unidos e a Europa se apresentavam nestas reuniões internacionais e falavam privadamente aos países em desenvolvimento: "Nós concordamos com vocês: nós somos hipócritas, os tratados são injustos. Nós deveríamos fazer algo para a agricultura, mas nossas mãos estão amarradas por causa da democracia: a opinião pública de nossos países jamais aceitará o que vocês desejam. Mas vamos fazer algumas concessões aqui e ali". Em Cancún, os países do Sul simplesmente responderam que as mãos deles também estavam amarradas,

que a população de seus países souberam o que aconteceu durante a Rodada do Uruguai¹. Eles disseram: “As pessoas têm conhecimento do que se passou, nós também temos que prestar contas à opinião pública de nossos países. É impossível voltar mais uma vez com um tratado comercial injusto. Suas democracias precisam compreender que as negociações comerciais devem ser fundadas na justiça.”

Libération - Alguns destes tratados injustos ainda foram assinados quando você chefiava o grupo econômico da Casa Branca no governo de Bill Clinton.

Joseph Stiglitz - É verdade, eu estava na Casa Branca quando a OMC foi lançada. Mas isso não significa que eu não possa criticar aquilo do qual participei. Eu estava em desacordo com muitos arranjos destes tratados, especialmente o da propriedade intelectual (Trips), ou seja, o de proibir o acesso dos países pobres às patentes dos medicamentos. Eu considerei essa decisão inclusive péssima para a ciência americana, porque não foi uma decisão equilibrada, foi ditada pela indústria farmacêutica americana. Os numerosos estudos realizados pelo Banco Mundial mostraram que a situação nas regiões mais pobres do planeta, especialmente a África, ficou ainda pior em função da assimetria dos acordos da Rodada do Uruguai. Pessoas presentes em negociações me descreveram as pressões e os acordos vergonhosos que se levavam para reuniões em lugares fechados a quatro portas (*green rooms*) para que os países em desenvolvimento assinassem ‘goela abaixo’. Não há por que se desconfiar disso. Nós colhemos hoje o que nós semeamos.

O Sul não aceita mais “golpes baixos”

Libération - Como você explica que os países em desenvolvimento se defendem melhor agora do que no passado?

Joseph Stiglitz - Os países em desenvolvimento sempre souberam que o que eles assinaram em 1994 (Rodada do Uruguai) era injusto. As revoltas de Seattle, em 1999, puseram em destaque estas questões na primeira página dos jornais. E desde então, especialmente as Organizações Não-Governamentais (ONGs) passaram a assessorar os países em desenvolvimento, analisando as políticas comerciais em jogo. O Sul chegou a esse novo ciclo de negociação melhor preparado, com conhecimento dos “golpes baixos”. A imprensa também jogou um papel importante, anunciando o surgimento do G22 [o grupo dos 22 países do Sul que pedem o fim do subsídio agrícola]. Os dirigentes dos países em questão não podiam assinar estes acordos, porque, se o fizessem, corriam o risco de serem acusados de se terem vendido aos Estados Unidos.

Como funcionam as negociações

Libération – Após dois anos de procrastinação, um acordo foi finalmente acertado na OMC: o acesso às patentes de medicamentos aos países pobres. Trata-se de um real progresso sobre um tema emblemático?

¹ .- A ‘Rodada do Uruguai’ se inicia de fato em 1986 com pretensões de estabelecer regras claras para o comércio mundial. O principal empecilho é a discordância quanto à redução de subsídios para a agricultura nos países europeus e EUA. A rodada só é concluída em dezembro de 1993. Seu documento final, a Declaração de Marrakesh, assinada por 122 países, cria a Organização Mundial do Comércio (OMC), que funciona desde 1º de janeiro de 1995.

Joseph Stiglitz - O acordo ilustra numerosos problemas com as negociações. Frequentemente muito duros no princípio, os EUA fazem concessões no último minuto. É como um presente que se dá de surpresa: na verdade um meio presente. Mas supõe-se que você fique grato com a pessoa que até então era dura com você. É o que os americanos fizeram no caso das patentes de medicamentos: depois de terem bloqueado as negociações durante dois anos, impuseram uma séria de condições que tornaram o acesso a Botsuana - o país mais atingido pela AIDS - aos ditos medicamentos, muito difícil. Agora liberaram as patentes porque temem ver os americanos tomarem as ruas se isso não fosse feito. Mas isso não pode esconder o subsídio dado aos fazendeiros de 190 bilhões de dólares em dez anos. É assim que as negociações funcionam.

A OMC – um mal menor

Libération – A OMC é um mal menor ou é preciso suprimi-la?

Joseph Stiglitz – Eu sou um grande partidário da OMC, porque estabelece um conjunto de regras de direito. Ela impede que os EUA façam o seu jogo de força econômica como bem entenderem. Caso se trate de regras injustas, especialmente no que diz respeito aos países em desenvolvimento, não significa que suprimindo totalmente a OMC, as coisas se tornarão melhor.

Libération – Também é um dos últimos lugares onde os Estados Unidos preferem o multilateralismo ao unilateralismo. Por que eles permanecem?

Joseph Stiglitz – Porque eles têm necessidade! Sem a OMC teriam uma guerra comercial com a Europa, o que seria um desastre para o comércio mundial. Se os Estados Unidos saíssem da OMC, a China e a Europa assinariam um acordo especial. Os negócios americanos instalados na China exportam bilhões de dólares para os Estados Unidos. Será que ficariam contentes em não poderem mais exportar seus produtos para os Estados Unidos? Não. Eles investiram bilhões na China supondo que pudessem exportar para os EUA. Politicamente, portanto, é muito difícil os EUA deixarem a OMC.

Libération – O problema da OMC não reside no fato de que se tornou apenas um espaço comercial?

Joseph Stiglitz – De fato, os acordos de propriedade intelectual não tratam apenas de comércio. Idem para a liberalização dos mercados financeiros. Se abrir os mercados financeiros fosse tão bom para os países em desenvolvimento, por que forçá-los? Eles fariam isso por conta própria. A menos que você pense que eles são estúpidos. Se você não pensa dessa forma, então se trata de colonialismo.

Lula e o risco que corre

Libération – Que balanço você faz do presidente brasileiro Lula, ponta de lança dos países em desenvolvimento e partidário de uma outra internacionalização.

Joseph Stiglitz – Todos estão muito contentes e confiantes. Contentes, porque os mercados retomaram a confiança no Brasil. Lula mostrou que pode governar como se fosse um governo de direita. Um sucesso. Significa que os estragos causados pelo mercado financeiro serão evitados. Mas há um risco: você pensa que, ao fazer as vontades do mercado financeiro, ele lhe dará uma margem de manobra para fazer aquilo que pensa, basta esperar um pouco... E enquanto você espera, já se passaram quatro ou cinco anos. Você abre mão do governo, e o

mercado financeiro nunca está satisfeito, ou está sempre mal-humorado, e você acaba não tendo o espaço para fazer aquilo para o qual foi eleito.

Libération – Isso não foi o que aconteceu com Bill Clinton, com quem você trabalhou?

Joseph Stiglitz – Exatamente. E esse é o grande problema que o Brasil enfrenta hoje. O governo brasileiro provou que merece credibilidade, como Clinton o fez. Mas nós sacrificamos muitos programas sociais em função de Wall Street. “Servir as pessoas em primeiro lugar” era a plataforma de governo de Clinton: educação, melhorar a saúde, tecnologia. Mas quando chegamos ao final, percebemos que os resultados foram limitados. A nossa grande realização foi trabalhar duro para se conseguir um excedente no orçamento, algo em que poucos acreditavam. Agora, o Bush varreu tudo o que conseguimos e voltamos para onde nós estávamos há oito anos atrás. Todo o trabalho, todo o sacrifício que fizemos não serviu para nada. Se eu fosse cínico, diria que o Clinton trabalhou oito anos para permitir que Bush pudesse dar uma redução de impostos para os ricos! Lula tem que prestar atenção para não reproduzir o mesmo erro. Se os mercados reagirem rapidamente e bem, as taxas de juros vão baixar e haverá dinheiro para os programas sociais, para o programa contra a fome, para a reforma agrária. O seu governo poderá se revelar um sucesso.

Há razões para que os EUA sejam odiados

Libération - Você escreveu que os Estados Unidos são os grandes vilões da globalização.

Joseph Stiglitz - O fim da guerra fria nos deu a oportunidade de pensar a ordem econômica global que quiséssemos. A economia de mercado era triunfante, nós poderíamos ter moldado um sistema global fundado nos princípios de eficiência e da justiça. No lugar disso, preferimos colocar em primeiro lugar nossos interesses particulares, comerciais e, acima de tudo, financeiros. As negociações comerciais que fizemos são um exemplo disso. Mas a forma como nós conduzimos a globalização financeira é pior ainda. Um exemplo: em 1997, em plena crise financeira asiática, o Japão pôs 100 bilhões de dólares à disposição para se criar um fundo asiático. Os Estados Unidos recusaram, pensaram que isso poderia debilitar sua influência nesta parte do mundo. E preferimos deixar a Ásia entrar em recessão, para que a nossa influência não diminuísse. Hoje, a América é odiada em todos os lugares da Ásia em função disso.

Libération – Este é um exemplo que, de acordo com você, fez com que ressurgisse o antiamericanismo?

Joseph Stiglitz - Quando você é um país rico, é natural que suscite ressentimentos. Fica mais difícil ganhar a confiança. Mas durante a Rodada do Uruguai e a crise financeira global, nós conduzimos as coisas de forma muito ruim e geramos muita ira. O secretário do Tesouro chamando as contrapartes para um acordo aos berros no meio da noite...

A democracia americana

Libération – Você fustiga a desregulação no sistema financeiro, na energia, nos transportes, etc, mas ela continua...

Joseph Stiglitz – Nós sabemos que a desregulamentação da eletricidade foi manipulada, como estamos vendo agora com o caso da Enron na Califórnia, dos fracassos de coordenação do blecaute deste verão, ou os problemas com os trens na Inglaterra. Porém, estes fiascos

aconteceram em países industrializados avançados, onde a infra-estrutura institucional é razoavelmente boa e a corrupção é razoavelmente baixa. É uma advertência importante para nós, mas também para os países em desenvolvimento.

Libération – Você avalia que a visão econômica do mundo hoje em debate é mais equilibrada?

Joseph Stiglitz – Em escala global, o FMI e o Banco mundial falam de mais envolvimento da sociedade civil e dos governos em desenvolvimento. Eles reconhecem os riscos associados à liberalização dos mercados financeiros. Percebem a falência dos Estados. Mas o Tesouro americano que detém o direito de veto no FMI como acionista mais importante do fundo, não quer nem ouvir falar nessas coisas... com exceção do Iraque. O problema é que o país mais poderoso, os Estados Unidos, nunca deixou de ser unilateral: recusa-se em ratificar o protocolo de Kyoto, em aceitar a instituição de um tribunal penal internacional. Washington fala muito em democracia, mas à sua maneira: “as pessoas devem votar, mas como nós desejamos”, o que se traduz por: “Ok, reconhecemos que há déficits sociais, mas vamos usar as reduções de impostos arrecadados para ajudar os ricos no lugar de criar uma sociedade mais igualitária”. É mesmo preocupante. Nos Estados Unidos e no resto do mundo, porque muitos países adoram imitar os Estados Unidos.

Artigo da semana

O QUE PODEMOS APRENDER DOS ANIMAIS

*Reproduzimos o artigo com o título acima de Jeremy Rifkin, economista, especialista em biotecnologia e presidente da Fundação sobre Tendências Econômicas de Washington, publicado no jornal **El País**, 26-10-03. Rifkin é autor de vários livros sobre o impacto da ciência e da tecnologia na economia, na sociedade e no meio ambiente. Entre as suas várias obras destacam-se **O Fim dos Empregos** (1995); **O século da biotecnologia** (1999); **A Era do Acesso** (2000); **A Economia do Hidrogênio** (2003); todos editados pela Makron Books – São Paulo. A tradução e os subtítulos são dos nossos colegas do Cepat, Curitiba, aos quais agradecemos.*

Os direitos invisíveis

Ainda que grande parte dos comentários sobre a ciência neste último ano tenha se centrado nos novos avanços em biotecnologia, nanotecnologia, computadores e questões mais esotéricas como a idade de nosso universo; nos laboratórios de todo o mundo foi se desenvolvendo, nos bastidores, uma história discreta, que terá um impacto profundo na percepção humana e na compreensão do mundo que nos rodeia. E curiosamente, as empresas patrocinadoras do estudo são o McDonald's, Burger King, KFC e outros fornecedores de comida rápida. Pressionados pelos ativistas que trabalham em prol dos direitos dos animais e pelo crescente apoio da opinião pública e das campanhas por um tratamento mais humano aos animais, estas empresas financiaram a pesquisa, entre outras coisas, sobre os estados emocionais, mentais e de comportamento das demais criaturas. O que os pesquisadores estão descobrindo é inquietante. Parece que muitas destas criaturas são mais parecidas conosco do que tínhamos imaginado. Sentem dor, sofrimento, e experimentam tensão, afeto, emoção e, inclusive, amor. Por exemplo, nos estudos sobre o comportamento social dos suínos realizados

pela Universidade Purdue, dos Estados Unidos, se descobriu que gostam de carinho e se deprimem facilmente se são isolados ou se lhes nega tempo para brincar com os demais.

As migalhas de nossos afetos

A falta de estímulos mentais e físicos pode ter como conseqüência o deterioramento da saúde e uma maior incidência de diversas enfermidades. A União Européia tomou estes estudos ao pé da letra e tornou ilegal para 2012 o uso de pocilgas que isolam os suínos, ordenando que sejam substituídas por pocilgas ao ar livre. Na Alemanha, o governo estimula os criadores de suínos a dar a cada animal 20 segundos de contato humano ao dia e facilitar-lhes dois ou três jogos para evitar que lutem entre si.

O estudo sobre os suínos só toca superficialmente no que está ocorrendo neste novo e extenso campo de pesquisa sobre as emoções e habilidades cognitivas dos animais. Há pouco, os investigadores ficaram assombrados pela publicação de um artigo na prestigiosa revista *Science* em que se informava das atitudes conceituais dos suínos de Nova Caledônia. Nos experimentos controlados, os cientistas da Universidade de Oxford informavam que haviam dado a dois pássaros, de nome *Betty* e *Abel*, a opção de utilizar duas ferramentas, um arame reto e outro em forma de gancho, para tirar um pedaço de carne do interior de um tubo. Ambos elegeram o arame em forma de gancho. Mas depois, de repente, *Abel*, macho dominante, roubou o gancho de *Betty* deixando para ela unicamente o arame reto. Sem alterar-se, *Betty* usou o bico para meter o arame em uma abertura estreita e depois o dobrou com o bico para fazer um gancho como o que havia sido roubado. Na continuação, sacou a comida do interior do tubo. Os pesquisadores repetiram o experimento 10 vezes mais, dando-lhe somente arames retos, e ela fez o gancho nove das 10 vezes, demonstrando uma complexa habilidade de criar ferramentas.

E há a história de *Alex*, o papagaio cinzento africano que era capaz de realizar, com perfeição, tarefas que antes se pensava serem de capacidade exclusiva dos humanos. *Alex* é capaz de identificar mais de 40 objetos e sete cores, e pode juntar e separar objetos em categorias. Inclusive é capaz de aprender conceitos abstratos como “mesmo” ou “distinto”, e resolver problemas utilizando a informação que lhe facilita. Igualmente surpreendente é *Koko*, um gorila de 136 kg, ao qual foi ensinada a linguagem dos signos e que aprendeu com perfeição mais de mil signos e entende milhares de palavras em inglês. E nos exames de quociente de inteligência humana pontuou entre 70 e 95, que se encontra na categoria de aprendizagem lenta, mas não de atraso.

Aptidões não reconhecidas

A fabricação de ferramentas e o desenvolvimento de complexas aptidões lingüísticas não são mais que dois dos múltiplos atributos que criamos e que eram exclusivos de nossa espécie. A consciência do próprio ser e dos outros, é outra delas. Desde há muito tempo, os filósofos e os especialistas no comportamento animal diziam que outros animais não são capazes de ter consciência de si mesmos porque careciam do sentido de individualismo. Mas não é assim, segundo toda uma série de estudos novos. No Zôo nacional de Washington, os orangotangos que recebem espelhos exploram partes de seu corpo que não podiam ver, o que demonstra que são conscientes de si mesmos. Um orangotango chamado *Chantek*, que vive no Zôo de Atlanta, utilizou, de forma extraordinária, um espelho para escovar os dentes e ajustar os óculos de sol, segundo seu cuidador.

A reação frente à morte

Naturalmente, quando chegamos à prova definitiva que distingue os humanos de outras criaturas, os cientistas crêem desde há muito que a reação pelos mortos representa a verdadeira linha divisória. Os animais não têm percepção de sua mortalidade e são incapazes de compreender o conceito de sua própria morte. Mas não é assim necessariamente. Ao que parece, os animais experimentam dor. Muitas vezes, os elefantes permanecem vários dias junto de seus parentes mortos, em silêncio, tocando-lhes de vez em quando o corpo com a tromba. O biólogo queniano Joyce Poole, que passou 25 anos estudando o elefante africano, disse que o comportamento dos elefantes em relação aos mortos “me deixa poucas dúvidas de que experimentam emoções e têm um certo entendimento da morte”.

Nossos valores, seus interesses

Também sabemos que praticamente todos os animais brincam, especialmente os pequenos. Tudo o que havia se observado das brincadeiras de cachorros, gatos, ursos e demais, permitiu perceber as similitudes que há entre a sua forma de brincar e a de nossos filhos. Estudos recentes da química cerebral das ratas demonstram que, ao brincar, seus cérebros liberam grandes quantidade de dopamina, uma substância neuroquímica associada com o prazer e a emoção nos seres humanos. Ao dar-se conta das surpreendentes similitudes na anatomia do cérebro e a química dos humanos e outros animais, Stevem Sivy, cientista com grande experiência no comportamento - de Gettysburg College, Pensilvânia -, se fez uma pergunta que cada vez mais pesquisadores suscitam: “Se cremos na evolução por seleção natural, como crer que os sentimentos apareceram de repente, do nada, nos seres humanos?” Os novos descobrimentos dos pesquisadores se diferenciam muito dos conceitos adotados pela ciência ortodoxa. Recordem que foi René Descartes, o grande cientista e filósofo da Ilustração, quem descreveu os animais como “autômatos sem alma” cujos movimentos pouco se diferenciavam dos de marionetes automatizadas que bailavam sobre o relógio de Estrasburgo. Até pouco tempo, os cientistas ainda fomentavam a idéia de que a maioria das criaturas se comportava exclusivamente por instinto e o que parecia ser comportamento aprendido não era mais que atividade impulsionada geneticamente. Agora sabemos que os gansos têm que ensinar a seus filhos as rotas de emigração. De fato, estamos descobrindo que na maioria dos casos a aprendizagem passa de pai a rebento, e que a maioria dos animais utilizam todo tipo de experiência aprendida pela experimentação contínua e a solução de problemas mediante a técnica de prova e erro. Que repercussões tem tudo isso sobre a forma como tratamos a outras criaturas? O que acontece com os milhares de animais que a cada ano são submetidos a dolorosos experimentos de laboratório? Ou como os milhões de animais domésticos criados nas condições mais desumanas e destinados ao matadouro e ao consumo humano? Deveríamos proibir as armadilhas para patas e boicotar a compra e venda de casacos de pele? E o que acontece quando se matam animais por esporte, como a caça da raposa no campo inglês, das corridas de touros na Espanha ou das rinhas de galos no México? O que acontece com o entretenimento? Deveríamos enjaular os leões selvagens nos zoológicos e permitir que os elefantes atuem nos circos?

Leis pioneiras

Estas perguntas estão aparecendo nos juizados e na legislação de todo o mundo. Atualmente, Harvard e outras 25 faculdades de Direito, só dos Estados Unidos têm introduzido cursos sobre

os direitos dos animais, e cada vez mais entram nos tribunais casos representando os direitos dos animais. A Alemanha se converteu faz pouco no primeiro governo do mundo a garantir os direitos dos animais em sua Constituição.

O que fica claro, ao longo da história humana, é que a trajetória do homem tem consistido, em essência, na extensão da empatia a domínios mais amplos e inclusivos. Em princípio, a empatia só se estendia aos parentes e à tribo. Com o tempo, se ampliou a pessoas de valores similares, que compartilham uma religião, uma nacionalidade ou uma ideologia comum. E no século XIX, se estabeleceram as primeiras sociedades humanitárias, nas quais a empatia se estendeu até incluir as demais criaturas. Hoje há milhões de pessoas em todo o mundo que se identificam com o movimento em favor dos direitos humanos e que seguem aprofundando e ampliando a preocupação e empatia humana pelas demais criaturas. Os estudos atuais sobre as emoções, cognição e comportamento animal abrem uma nova fase na trajetória humana, permitindo-nos ampliar e aprofundar nossa empatia, esta vez para incluir a comunidade mais ampla de criaturas que vivem conosco.

Entrevista da Semana

A EMERGÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO LÍQUIDA

*No dia 28/10, às 20h, no Anfiteatro Padre Werner, o sociólogo italiano Maurizio Carmignani, mestre em Ciências Organizacionais, abordou o tema A Emergência da Organização Líquida. Maurizio é diretor da S3 Studium e leciona business innovation, CRM e Gestão do Conhecimento. A Escola S3 Studium tem como foco o ensino e a aprendizagem da criatividade. Ela foi fundada pelo sociólogo Domenico De Masi, conhecido internacionalmente pelos seus estudos sobre o ócio criativo, autor, entre outros, do livro **A Economia do ócio**. Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2001. A Escola S3 Studium funciona há 17 anos e tem como objetivo a educação da criatividade aplicada. Ela prepara estudantes para serem e tornarem-se criativos e os prepara para enfrentar, com sucesso, as necessidades de um mercado de trabalho cada vez mais exigente. A escola é muito procurada por executivos de indústrias, da administração pública, de grandes hospitais, de empresas de comunicação e de complexos turísticos. A Unisinos tem convênio para intercâmbio com esse instituto e, atualmente, lá estuda o aluno Luiz Lentz, do curso de Ciências Sociais que foi entrevistado na edição 81 de IHU On-Line.*

Publicamos, a seguir, a entrevista concedida por Maurizio Carmignani a IHU On-Line.

IHU On-Line – Como definiria a organização líquida?

Maurizio Carmignani – É basicamente uma etiqueta para identificar a passagem de um estado sólido, feito de castelos, de redes, algo burocrático, para algo que é intangível, então líquido. É feita de componentes de organização, de tipo expressivo, que são variáveis *soft*. Pode ser comparada com uma orquestra, que tem 150 instrumentos e um diretor, que exerce uma liderança, que dirige de uma forma líquida para ter o máximo aproveitamento de cada um dos instrumentos, e não só uma uniformidade.

IHU On-Line – Como se relacionam a organização líquida e a criatividade na experiência da S3?

Maurizio Carmignani – A criatividade não pode ser enjaulada. A criatividade passa como líquido debaixo da porta. Se for necessário, as idéias têm uma prioridade em relação ao prazo. E, principalmente, trabalha-se com idéias de grupo. Trabalhamos com a figura de um líder que

pode ser momentâneo. Podemos até imaginar a organização líquida como um círculo ou eventualmente um espiral, onde o líder pode motivar para alcançar os objetivos que claramente existem dentro do desenvolvimento das idéias do grupo.

IHU On-Line – Vivemos uma época de pouca criatividade?

Maurizio Carmignani – Nós não estamos numa época sem criatividade, há bastante criatividade, só que recebemos muitas informações e é preciso filtrá-las, para poder utilizá-las da forma mais adequada. Na Europa e, mais especificamente, na Itália existe criatividade. As empresas que evoluem e que vão permanecer no mercado, são justamente as mais criativas ou que mais incentivo dão à criatividade, porque é algo característico do pós-industrial o processo de não enjaular a criatividade. É uma necessidade e uma emergência. É fundamental que as empresas precisem enxergar e investir nessa criatividade. Nós podemos pedir a uma pessoa que produza um número x de peças por hora, por dia. Já é mais complicado pedir que a pessoa criativa gere um número x de idéias em dez horas, mas é um investimento que vale a pena.

IHU On-Line – Como fica isso nas nossas sociedades capitalistas, especialmente do terceiro mundo, em que a exigência está ligada à produtividade?

Maurizio Carmignani – Elas têm que evoluir, incentivando e desenvolvendo o potencial de criatividade que têm no contexto, porque a parte de produção operacional vai ser cada vez mais demandada às máquinas. Mas o que tem que ser potencializado, desenvolvido é a parte das idéias, da criatividade. Esse é ponto central da questão. Os valores são outros. A definição de período pós-industrial foi levantada por um americano, Daniel Bell, há 50 anos. E desenvolvida, depois, por Domenico de Masi, da S3 e muitos outros. Pode-se pensar que, na América Latina, a mão-de-obra é mais barata que a máquina, mas não é tão barata como na China. Não podemos esquecer que é barata por enquanto. Sem perder de vista que a China tem um bilhão de pessoas e, com certeza, a mão-de-obra vai ser sempre mais barata que na América Latina, no Brasil mais especificamente. Então por que não começar já esse processo no contexto brasileiro, sem perder de vista uma visão global, já que estamos numa realidade de globalização?

IHU On-Line – Qual o perfil de pessoa e de sociedade que há no horizonte da S3 e quais os principais desafios que se aproximam?

Maurizio Carmignani – A idéia é, por meio do De Masi e dos estudos feitos pelos alunos, colocar como ponta, como objetivo a inovação na comunicação. Esse é o ponto focal. No pensamento da S3, o *management* não tem que desaparecer. No contexto de líquido, é muito mais complicado estruturar algo que está em movimento e em contínua alteração, modificação, do que uma estrutura sólida em que tudo está definido, com departamentos, cada um tendo o seu próprio papel. Na própria universidade, cada área tem o próprio espaço e por que não ver as coisas de forma híbrida, onde haja intercâmbio dessas várias áreas. Os dois pontos que são o combustível de todo esse processo, de mudança, de alteração, são a confiança, e a motivação. O papel da universidade é o de passar uma instrução, educação, formação adequada, não somente acadêmica, mas algo que permita uma visão mais interdisciplinar, global. Por exemplo, para resolver um problema de engenharia, a solução do engenheiro não é mais suficiente. Tem que ter uma visão com outra aproximação.

Teologia Pública

“TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM ESTADO PURO”

O último livro de Gustavo Gutiérrez, fundador da teologia da libertação, sublinha sua radical opção pelos desfavorecidos. O intelectual peruano, recém-ingresso na ordem dos dominicanos, divide com Kapúscinski² o prêmio Príncipe de Astúrias de Comunicação e Humanidades. Juan G. Bedoya é o autor da resenha de **La densidad del presente** (Salamanca: Sígueme, 2003), abaixo transcrita. Foi publicada no jornal **El País**, em 18-10-03, e traduzida pela equipe do **IHU On-Line**.

“Soldados derrotados de um exército invencível”, chamou o Bispo Pedro Casaldáliga aos teólogos e sacerdotes da libertação. Como os padres obreiros na Europa, levaram a sério as prédicas de João XXIII e os documentos do Concílio Vaticano II, mas foram varridos da história eclesial com anátemas, processos inquisitórias ou desprezos sem fim. O surpreendente é que o fundador do movimento teológico pós-conciliar mais incisivo e polêmico, o sacerdote peruano Gustavo Gutiérrez (Lima, 1928), tenha sobrevivido ao vendaval (vivo nos dois sentidos da palavra vivo: outros – Ignacio Ellacuría, monsenhor Óscar Arnulfo Romero – morreram pela causa e nenhum papa romano vai canonizá-los). Não somente vivo: a figura do peruano se agiganta a cada ano. O jovem e risonho padre de Rímac, nos subúrbios miseráveis de Lima, é hoje um intelectual reconhecido e recebe prêmios insuspeitos: a Legião de Honra na França, o Príncipe de Astúrias na Espanha, além de doutorados *honoris causa* em grandes universidades e, inclusive, seu ingresso na Academia Peruana de Letras.

Ainda hoje, o vinho e as hóstias para celebrar missas em grande parte da América Latina são importadas da Europa, por sua acadêmica – e tridentina³ – substanciam como se importavam missionários adequados no tempo de Ignacio de Loyola. Uma situação estúpida, sem dúvida, da qual poucos prelados se dão conta. E isso que, em 1965, apenas encerrado em Roma o Vaticano II, um grupo de teólogos latino-americanos se reuniu no hotel Chulavista de Cuernavaca (México) para debater a necessidade de elaborar uma teologia própria para a América, sem que fosse mera divulgação colonizadora da europeia. Representando a Espanha, participou, como testemunha e animador, um professor da Universidade Pontifícia de Salamanca, já emérito. Era Casiano Floristán; também está, agora, na mira vaticana da Congregação para a Doutrina da Fé (ex- Santo Ofício da Inquisição).

Mas, claro, Gustavo Gutiérrez não fala em **La densidad del presente** de bobas discussões teológicas. Como em 1968, quando proferiu sua famosa conferência em Chimbote (Peru) com o título *Para uma teologia da libertação*, que quatro anos depois originou o livro **Teologia da libertação. Perspectivas** (Petrópolis: Vozes, 1976), seu assunto continua sendo Deus, Jesus, os Pobres e a Palavra. Ou a palavra, com minúscula. É difícil encontrar, na literatura teológica moderna, um escrever tão formoso e direto, tão livre e poético, como o deste dominicano formado nas universidades de Lovaine e Lyon, que assistiu ao Vaticano II como jornalista afamado e que agora anima, de maneira imponente, o *Instituto Bartolomé de Las Casas*, que ele fundou.

La densidad del presente é um livro seco, mas sutil. Sua prudência resulta engenhosa, em algumas ocasiões. De uma sagacidade e ironia bem francesas. Quem conhece os avatares de

² Ryszard Kapúscinski, escritor e jornalista polonês.

³ Refere-se ao Concílio de Trento, 1563.

outros teólogos castigados perceberá imediatamente como Gustavo Gutiérrez fustiga e realça, reprova e desculpa, avança e retrocede. Mas, a posterior, ainda que venha a salvar-se, sem dúvida, de qualquer anátema, La densidad del presente é teologia da libertação em estado puro: a condensação de toda a teoria da libertação, desde a atalaia de 2003. E mais: um golpe severo a quem tenha presumido a morte da teoria da libertação – proclamando, inclusive, o fim da história -, e contra os pontífices da hegemonia neoliberal e globalizadora. Ou algo assim. Um texto necessário, enfim, para teólogos, eclesiásticos, políticos e, também, economistas. Não há, neste livro, nada que não mereça atenção – e, inclusive, emoção – mas destaco o terceiro capítulo – *Linguagem teológica, plenitude do silêncio* -, publicado em sua primeira versão no boletim da Academia Peruana de Letras.

A teologia é uma linguagem: um *logos* sobre *theos*. Nas mãos de, por exemplo, São João da Cruz ou Santa Teresa de Ávila, a linguagem teológica pode fazer presente quem, às vezes, sentimos ausente: “A solidão sonora”, “a melodia silenciosa”. Os gregos chamavam de teólogos seus poetas que, como Homero, compuseram teogonias, explicações mitológicas das origens da humanidade. Até aqui, tudo bem. Imediatamente, Gustavo Gutiérrez entra em seu território: não pode ter a mesma linguagem quem vive na riqueza e quem sofre a pobreza.

“Fazer o outro sofrer: não há nada mais sórdido que isso”, disse. Ante a injustiça, o secundário e o superficial se evaporam. E surge o grito, aquele de César Vallejo: *Yo nací un día / que Dios estuvo enfermo, / grave* (Eu nasci num dia em que Deus esteve gravemente doente). E o golpe final, o desafio do teólogo da libertação que eleva a voz para dizer: “Aqui estou, depois de tantos anos perigosos”. Esta é a pergunta que não cessa: “Como entender a um Deus amor em um mundo que leva a estampa da pobreza, do genocídio, da violência terrorista, do desprezo pelos mais elementares direitos da humanidade? Assim simples e importante. Trata-se, sem dúvida, de uma pergunta que supera, em profundidade, a capacidade de resposta que tem a teologia.” O padre Gutiérrez, recém-ingresso na ordem dos dominicanos, vem de um continente onde mais de 50% de seus habitantes vive em uma situação de crescente pobreza e, inclusive, de pobreza extrema e violência insuportável. Seu país, Peru, ainda está pior.

Como não repercutir esta situação? Por isso, o teólogo adverte aqueles que possam chamá-lo de comunista: Nunca lhe agradou o brutal totalitarismo ateológico. “Se dou comida a um pobre, eles me chamam de santo; se pergunto por que os pobres não têm comida, me chamam de comunista, ironizava o *Arcebispo dos pobres*, o brasileiro Helder Câmara. Não foi brincadeira. Em *Elogio da loucura*, o grande Erasmo advertiu, na diatribe que dedicou aos “teologuinhos” que o perseguiam, esses que consideram pecado menos grave matar um milhar de homens do que remendar o sapato de um pobre. Erasmo: “Os apóstolos precisariam de uma nova vinda do Espírito Santo se tivessem de debater estas matérias com essa nova espécie de teólogos”.

Deu nos jornais

Lula, um ano de governo

O jornal francês *Libération*, dia 28-10-03, publica uma longa reportagem sobre o primeiro ano do governo Lula. “Ainda que Lula, eleito há um ano e tendo tomado posse no dia 1º de janeiro, conserve uma popularidade recorde, seus ‘camaradas’ – a esquerda do seu partido, o movimento social e os intelectuais – estão perplexos”. Assim inicia a reportagem. E o jornal continua escrevendo: “No momento, o presidente brasileiro ignora os apelos para ser mais ‘audaz’ e não renega a política econômica ditada pelo FMI, aliando ortodoxia monetária e austeridade fiscal. ‘Nós seguimos esta política, não porque ela é boa mas porque não há outra’, explica o Ministro da Educação, Cristovam Buarque. ‘Lula é um líder de esquerda, portanto ele

tem que ser prudente' com os credores do Brasil". Analisando as reformas, o jornal constata que "para financiar o social sem cessar de pagar a dívida, Lula atacou uma das suas principais bases: os funcionários públicos". O jornal cita o politólogo Octávio Amorim que afirma: "Da esquerda, Lula guardou somente duas coisas: o fim das privatizações e a política externa, que serve para compensar a virada à direita na economia".

'É a esquerda imaginária'

O jornal *Libération*, na longa reportagem sobre o primeiro ano do governo Lula, entrevista Fernando Gabeira. Segundo Gabeira, "nunca um governo suscitou tantas esperanças no Brasil e no exterior, sobretudo entre os alter-mundialistas. Ora, o PT reduziu estas esperanças a uma visão muito medíocre de governo". E exemplifica: "Lula e os outros membros do PT que formam o núcleo duro do poder ignoraram as idéias do partido em termos ambientais. Este núcleo duro tem uma visão produtivista digna de ex-dirigentes socialistas da Europa do Leste. Para eles, o respeito ao ambiente é um obstáculo ao progresso econômico". E mais adiante Fernando Gabeira constata que, "em dez meses de governo, não há nenhum sinal de mudança. Não tem havido o debate esperado sobre um novo modelo econômico. Lula não tem um projeto de longo prazo. Ele corre o risco de um fracasso. Como Lionel Jospin, ele pensa à esquerda, mas governa do centro para a direita. É a esquerda imaginária".

Movimento antiglobalização toma distância de Lula

Um artigo do *Libération* analisa a distância que o movimento antiglobalização, que no jornal é chamado de alter-mundialização, toma em relação ao governo Lula. "O ícone já não é mais o que ele era". Com esta afirmação se inicia o artigo. Se há um ano, "a esquerda francesa celebrava seu novo ídolo, hoje o presidente brasileiro perdeu seus fiéis: a extrema esquerda critica seus recuos frente ao FMI, os Verdes denunciam suas opções quanto aos OGMs e à política energética e os alter-mundialistas se desesperam ao não verem emergir uma alternativa à 'mundialização liberal'".

A Anpocs e o governo Lula

Falta gente capaz de tocar o governo

Segundo reportagem publicada no jornal *O Globo*, 26-10-03, "se o penúltimo encontro dos cientistas sociais em Caxambu, em 2002, foi marcado pela euforia às vésperas da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, o evento este ano exibiu no semblante de seus 1.200 participantes um traço de frustração. O sociólogo Brasílio Sallum Jr., professor da USP e coordenador do Consórcio de Informações Sociais, é um dos decepcionados. "Como Lula entrou em condições difíceis, eles optaram, para evitar a argentinização, por uma política muito recessiva para segurar a disparada da inflação. Os primeiros meses foram muito duros por causa disso. E, depois, porque o governo não tinha muita capacidade administrativa e gerencial disponível. Falta gente capaz de tocar o governo. Produziu-se um ministério muito grande, muito heterogêneo, com muitas pessoas que eram mais ícones. A área social, por exemplo, da qual se esperava muito, pulverizou-se num monte de ministérios, que até hoje não demonstraram nenhuma efetividade. Houve problemas gerenciais, mas também faltaram projetos".

A Anpocs e o governo Lula

Governo extremamente heterogêneo

"Para as pastas em que havia projetos, foram escolhidos ministros que não eram compatíveis" - analisa Brasílio Sallum Jr. "Havia, por exemplo, projeto na área cultural, mas escolheram

alguém que é até bem-intencionado, mas não tem compromisso com aquele programa. Foi escolhido um Ministro da Educação que não tem nenhum compromisso com o ensino universitário, mas com o ensino fundamental. Só que o Ministério da Educação praticamente é ensino superior. Produziu-se um governo extremamente heterogêneo, com poucos projetos. E os projetos que havia em certas pastas revelaram-se inócuos, como o Fome Zero, que teve marketing eficiente, mas, do ponto de vista administrativo, produziu resultados pífios. De resto, nada. Na área econômica, o governo seguiu bem a cartilha de uma política conservadora do ponto de vista fiscal e monetário. Conseguiu controlar a inflação, mas levou tão longe a coisa que a recessão foi brutal. Gerou-se mais desemprego que antes”.

A Anpocs e o governo Lula

Concentração do poder

“De fato, você tem uma espécie de ocupação do Ministério com múltiplas correntes” – analisa o sociólogo da USP, na entrevista acima citada. “Mas isso ocorre ao mesmo tempo em que se verifica uma concentração de poder em torno de três ou quatro nomes que realmente decidem. Os outros ministros são, de fato, secretários deste grupo pequeno. O debate que há é neste grupo oligárquico, no interior do governo, ao redor de José Dirceu. Os ministros não têm um peso muito grande, a não ser Antonio Palocci (Fazenda). Fiquei espantado de ver o Ministro de Ciência e Tecnologia, provavelmente querendo defender seu próprio cargo, recomendar a passagem da comissão do seu Ministério encarregada da área de biotecnologia para a Casa Civil, que definitivamente não é o lugar para este tipo de comissão”.

O Sucesso do Brasil

Lula segundo o ‘Financial Times’

“A estabilização da economia brasileira foi uma das maiores histórias de sucesso dos últimos 12 meses. Luiz Inácio Lula da Silva - o Presidente que obteve uma arrasadora vitória eleitoral um ano atrás - conseguiu manter níveis de popularidade respeitáveis enquanto modificou radicalmente as noções dos investidores a respeito do Brasil”. Com o título acima, o editorial do *Financial Times*, a bíblia do mercado financeiro, analisa o primeiro ano de governo Lula. A íntegra do editorial está publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, 28-10-03. O editorial contrasta com o publicado há um ano. Então o jornal londrino fazia previsões sombrias: “Os males econômicos não foram provocados por Lula, mas são intensificados pela falta de fé em sua capacidade de gerir a economia. Todos os sinais de uma moratória próxima são visíveis”, disse a edição de 15 de outubro de 2002.

Trabalho escravo com apoio federal?

Uma constatação da OIT

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão-de-obra escrava no país. Segundo a especialista em políticas públicas Patrícia Audi, ex-diretora de Benefícios do INSS contratada pela OIT para conduzir um projeto de US\$ 1 milhão contra o trabalho degradante e escravo no Brasil, o BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime. A coordenadora da pesquisa da OIT disse que o Ministério do Trabalho está montando uma lista com o nome de cerca de cem empresas envolvidas com abusos contra trabalhadores, para evitar que esses empregadores continuem recebendo financiamento público. A notícia foi publicada pelo jornal *O Globo*, 27-10-03.

OIT denuncia o trabalho escravo no Brasil

“As estimativas apontam a existência de 30 mil a 40 mil trabalhadores em regime de escravidão (no Brasil). Os jovens são os mais explorados, porque representam mais força de trabalho e normalmente trabalham limpando áreas para a pecuária e derrubando matas” – constata Patrícia Audi. Segundo ela, “uma das causas do trabalho escravo (no país) é a impunidade dos empregadores, e 90% dos casos têm financiamento público. É o Estado ainda financiando o trabalho escravo. Um empreendimento, de acordo com o Ministério Público Federal, recebeu mais de R\$ 6 milhões em financiamento público.”

O produto que compras, é feito por trabalho escravo?

Para a OIT, segundo Patrícia Audi, “a sociedade tem papel fundamental” no combate ao trabalho escravo. Segundo ela, “além das denúncias, é importante identificar essa cadeia produtiva, os fornecedores e onde esses produtos são comercializados”. Ou seja, é preciso que o consumidor saiba identificar produtos feitos às custas do trabalho escravo. A coordenadora dá pistas de produtos de empresas com fortes indícios de uso de trabalho escravo: carne, açúcar, café, pimenta, maçã e madeira.

EUA: 300 trabalhadores clandestinos na Wal-Mart

Centenas de trabalhadores clandestinos presos, dezenas de lojas fechadas por greves, municipalidades que se opõem à implantação de novas lojas: o número 1 mundial da distribuição, Wal-Mart, é objeto de múltiplos ataques nos EUA. A informação foi publicada no jornal francês *Libération*, 27-10-03. Mais de 300 imigrantes clandestinos foram presos no final de semana retrasado em 60 lojas Wal-Mart, o maior empregador privado dos EUA, com 1,2 milhão de assalariados trabalhando em mais de 3000 lojas, que é acusada por centenas de asfixiar os pequenos comércios. Assim, várias municipalidades, como a de Oakland, na Califórnia, impediu a implantação da Wal-Mart. Atualmente, um sindicato que reúne 83 mil empregados de supermercados, lidera uma greve na Wal-Mart, protestando contra a diminuição de salários e das prestações sociais. Por sua vez o *Financial Times* noticia que a Wal-Mart enfrenta ações judiciais movidas por empregados que alegaram ter sido obrigados a trabalhar ‘informalmente’, ou a dedicar horas extras sem remuneração. A notícia foi reproduzida no jornal *Valor Econômico*, 24-10-03.

Lucro do Bradesco aumenta 20%

O Bradesco acumulou um lucro líquido de R\$ 1,591 bilhão nos nove primeiros meses do ano. Esse resultado é 20,1% superior ao de igual período do ano passado. A notícia foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, 28-10-03.

A eleição do prefeito de Bogotá

Um fato político importante

No domingo retrasado, foi eleito prefeito de Bogotá, Luis Eduardo ‘Lucho’ Garzón. Ex-líder sindical, filho de família pobre, sem vinculação com os dois partidos tradicionais da Colômbia, o prefeito eleito analisa a sua eleição em entrevista publicada no jornal *O Globo*, 28-10-03: “É um feito sem precedentes e que acontece em meio a vários elementos. Primeiro, a alta popularidade do presidente Alvaro Uribe, que tem um claro perfil de direita. E mesmo assim as pessoas votaram em mim para a Prefeitura, com a maior votação da história de Bogotá, para o que é o segundo cargo mais importante do país. Segundo, é um feito sem precedentes que

manda uma mensagem clara de que alguém desarmado pode optar pela via democrática para ascender ao governo e ao poder. Num país tão confrontado, tão cheio de guerras, isso envia sinais positivos. E terceiro, é um projeto político que, com o Pólo Democrático Independente, conseguiu emergir a governos e prefeituras importantes. O partido se converteu na força mais expressiva do país nesta etapa”.

O PT e a Internacional Socialista

“O PT não se encaixaria na social-democracia de 20 ou 30 anos atrás. Mas como o sentido da palavra foi mudando, então o partido não se perderia nessa entidade, apesar de o Presidente sempre afirmar que não é socialista, mas torneiro mecânico”, afirma Armando Boito, professor da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Marxistas. Para Boito, segundo o jornal **Valor Econômico**, 27-10-03, o PT está ampliando o modelo econômico neoliberal do PSDB. “Cadê a política salarial? Isso não é socialismo, mas capitalismo extremado”, argumenta Armando Boito. Para ele, programas sociais como o Fome Zero são sobras do ajuste fiscal e dependem de contingenciamento.

O ‘vão da galinha’

“Aonde é que essa política econômica vai nos levar? Ninguém sabe ao certo. Alguma recuperação da atividade produtiva está em curso e deve continuar nos próximos meses. Mas o risco é que ela se mostre frágil e de pouca duração. Mais um ‘vão da galinha’, como tantos que tivemos no governo FHC”. A pergunta é do economista Paulo Nogueira Batista Jr., 48, economista, pesquisador visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP e professor da FGV-EAESP no artigo *Macroeconomia da (des)esperança*, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 30-10-03. O artigo faz uma análise da atual conjuntura econômica brasileira, comentando o discurso do Ministro Palocci da semana passada. Vale a pena conferir.

Um par implausível: Alca e democracia?

Uma análise de Francisco de Oliveira

Sob o título acima, Francisco de Oliveira, sociólogo, autor do artigo *Ornitórrinco*, publicado na segunda edição do livro ***Crítica à razão dualista*** e que esteve recentemente aqui na Unisinos, a convite do IHU, publica um artigo na página da **Agência Carta Maior**, 23-10-03. Para Francisco de Oliveira, “a Alca como projeto – por enquanto – não tem nada parecido com a lenta e segura construção da União Européia. Os resultados do Nafta que o digam: não existe até hoje livre circulação de pessoas entre USA, Canadá e México, do que se pode deduzir que o liberalismo político ali – a liberdade dos cidadãos de dispor de um espaço supranacional comum – não caminha de par com o liberalismo econômico. A desigualdade entre os EUA e o total dos seus presumidos parceiros latino-americanos é tão abissal que torna qualquer acordo completamente irrelevante. Qualquer dado que se tome, ilustra esse abismo: o PIB norte-americano é várias vezes – umas 12 vezes no mínimo – superior ao total do PIB latino-americano; o déficit fiscal dos EUA no último ano fiscal equivale a 50% do PIB brasileiro; outros indicadores, tais como a dívida externa norte-americana e seu déficit de balança comercial tornam apenas bizarras quaisquer comparações com os dados correspondentes da América Latina. Mesmo a posição brasileira de só negociar a Alca passando pelo Mercosul ainda é precária, mas dela não se pode abrir mão”.

Alca e democracia

A democracia não é uma panacéia

‘A democracia não é uma panacéia’ – escreve Francisco de Oliveira no artigo acima referido. “No passado, a esquerda teve uma compreensão instrumental da democracia, desprezando seu caráter universalista. Felizmente corrigiu-se esse equívoco a tempo. Mas tampouco deve-se transitar de uma posição instrumentalista para uma ingênua, para dizer o mínimo. A crítica que a esquerda latino-americana – e no caso do Brasil o PT no governo – faz à proteção que a Europa propicia à sua agricultura é uma conversão ao livre-cambismo completamente idiota: passaram a acreditar agora em livre-comércio? O capitalismo em sua fase globalizadora não é, decididamente, democrático. Acordos para se fazerem valer pressupõem poderes que podem se contrabalançar, vetos que podem ser efetivos, capacidade estratégica para induzir o jogo do adversário, poder de dissuasão, no linguajar militar. De Gaulle criou a *force de frappe* francesa e sabia do que estava falando e por que chamá-la assim. Se as relações internacionais estão em trânsito para maior abrangência do direito, convém saber quais são as condições materiais que asseguram sua vigência. A simples igualdade pressuposta para firmar um tratado não torna os parceiros iguais, e, no reino do mercado dominado pelos agentes privados, esse tipo de igualdade apenas cria a institucionalidade que reitera a desigualdade real. Se a democracia política é a forma pela qual as determinações que emanam do econômico podem ser desobedecidas, contornadas e mesmo superadas, não convém ter também uma compreensão irreal das capacidades democráticas para domarem os mercados globalizados”.

Alca e as duas tendências da globalização

Analisando o contexto no qual se dá o debate da Alca, Francisco de Oliveira descreve as duas poderosas tendências da globalização. “A globalização amplia duas poderosas tendências que tendem a fazer dos direitos nacionais letras-mortas. A primeira é a desnacionalização da política, ou o que os juristas estão chamando também de sua desterritorialização. A segunda é a despolitização da economia ou a juridificação da mercadoria. A primeira é a que se dá no campo das obrigações supranacionais, como FMI, Bird, OMC, pela qual os países são monitorados e, na verdade, as políticas nacionais se convertem em capítulos de uma política global: superávits fiscais, obrigações da dívida, impedimentos de exorbitar gastos do Estado, classificação de investimentos estatais, como gastos, poder de retaliação de empresas sobre mercados nacionais por cima de quaisquer determinações – o litígio Embraer X Bombardier (a canadense concorrente) mostra bem esse caso - configuram a desterritorialização da política. A juridificação da mercadoria significa que as mesmas carregam seu próprio ordenamento, imune aos nacionais, e retira do comprador o direito ao valor de uso da mercadoria. No esquema clássico de Marx, para o vendedor pouco interessava o valor de uso do que vendia, mas este era decisivo para o comprador. Agora, a globalização muda essa regra elementar: o comprador já não tem liberdade para dar o uso que quiser à mercadoria que comprou e pagou. Ela somente pode ser utilizada sob determinadas condições impostas pelo vendedor; seja dito que a propriedade privada no capitalismo global alcançou novas dimensões”.

Os ministros de Lula pró-Alca

E Francisco de Oliveira continua: “Ora, a Alca virá com toda essa carga, porque são as grandes multinacionais norte-americanas as principais agentes do futuro ‘livre-comércio’; elas já são as proprietárias das patentes, vale dizer, da juridificação da mercadoria. A defasagem tecnológica praticamente irreduzível entre os EUA e os países latino-americanos faz com que sejamos destinados a voltar – em muitos casos – ou a permanecer como economias primário-exportadoras, que já é o caso do Chile. E é neste capítulo que estão as grandes chances latino-americanas, e também brasileiras: não é por outra razão que os mais ativos pró-Alca são os ministros da Agricultura e do Desenvolvimento do governo Lula, justamente homens do

agronegócio. E seremos produtores de soja transgênica, monitorados pela Monsanto, e daqui a pouco de qualquer outra *commodity* sobre cuja decifração técnico-científica não teremos qualquer poder”.

Alca: burla à vontade popular?

Para Francisco de Oliveira, “a Alca pode transformar-se numa enorme burla à vontade popular. Ela carrega em si – estamos em tempos de raciocínios biológicos – todos os genes antidemocráticos, por criar um espaço de decisões que está fora da alçada do cidadão comum. Para países como os nossos, que demoraram tanto a construir precárias instituições democráticas, a Alca pode ser o começo do fim. Comércio nunca casou bem com liberdade. E agora, acreditamos em Papai Noel?”

Alca: o precedente chileno

“Com o passar do tempo, vai ficando claro que a Alca não chega a ser propriamente uma negociação. Talvez seja mais apropriado considerá-la uma espécie de contrato de adesão, formulado segundo as prioridades dos Estados Unidos e os interesses de suas corporações”. Assim inicia o artigo, com o título acima, de Paulo Nogueira Batista Jr, economista, publicado pela **Agência Carta Maior**, 29-10-03. Segundo o economista da FGV-SP, “na sua recente passagem pelo Brasil, o embaixador Peter Allgeier, co-presidente americano na Alca, deixou uma mensagem clara e inequívoca: os Estados Unidos não aceitam modificações na estrutura do acordo. E mais: querem que o acordo de livre comércio assinado por eles com o Chile, em 2003, constitua o grande exemplo e a principal referência para a negociação hemisférica”.

Alca: um contrato de adesão

Para Paulo Nogueira Batista Jr. “com o passar do tempo, vai ficando claro que a Alca não chega a ser propriamente uma negociação. Talvez seja mais apropriado considerá-la uma espécie de contrato de adesão, formulado segundo as prioridades dos Estados Unidos e os interesses de suas corporações. Aos outros países caberia basicamente barganhar aspectos secundários e participar da definição de detalhes de implementação. Quando algum país resolve questionar o formato da Alca e propor alternativas, como vem fazendo o Brasil em 2003, acaba sendo acusado de tentar obstruir a ‘negociação’”. Depois de analisar o acordo dos EUA com o Chile, que é proposto como exemplo, o economista conclui afirmando que “a estratégia de Washington é de uma transparência total. Como observou o economista indiano Jagdish Bhagwati, professor da Universidade de Columbia, os EUA se valem dessas negociações bilaterais com países menores, como o Chile, para extrair concessões variadas e estabelecer padrões e precedentes (‘Acordos bilaterais são instrumentos dos EUA’, **O Estado de S. Paulo**, 20 de julho de 2003, p. B6). Esses países pequenos têm opções limitadas e economias pouco diversificadas. Se quiserem concluir acordos com os EUA, têm que aceitar todo um conjunto de exigências, observa Bhagwati. Em seguida, Washington passa a alardear essas concessões como ‘inovações benéficas’, a serem obrigatoriamente incorporadas a acordos futuros. Brasil e Argentina resistem, por enquanto, a essa ofensiva dos EUA. E é o que têm que fazer, se pretendem preservar a sua soberania e as suas possibilidades de desenvolvimento nacional”.

A renúncia do Papa no Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II (Roma, 1962-1965) implementou várias reformas (a renúncia dos bispos aos 75 anos, o uso do hábito clerical, a supressão do latim, etc), mas não tocou na questão da renúncia do Papa. Mas esta questão foi debatida naquela ocasião. O teólogo Hans Küng, perito

oficial do concílio por decisão de João XXIII, nas suas memórias recém-publicadas, revela que o Cardeal belga Leon Suenens retirou a proposta da renúncia do Papa da plenária conciliar. Segundo narra H. Küng, Suenens suspeitava que, caso se insistisse em incluir o Papa naquela medida, o setor conservador se rebelaria inclusive contra a renúncia do resto do episcopado. Em entrevista ao jornal espanhol *El País*, 28-10-03, por ocasião do lançamento do seu livro de memórias em espanhol, Küng lamenta que o Vaticano II não se pronunciara sobre a renúncia do Papa. “Nem Suenens nem eu imaginávamos naquele momento que um dia teríamos um pontificado de 25 anos, um papa que considera que ele (e mais ninguém), ainda que gravemente doente e impedido, tem que levar a Igreja para dentro do terceiro milênio”. “Naturalmente, sob um novo pontificado deve discutir-se a questão da idade da renúncia, inclusive seria bom que já no próximo conclave se prestasse atenção a este tema. Aferrar-se ao ‘santo trono’ em qualquer circunstância não é melhor que aferrar-se a outros cargos”, acrescenta. Küng também opina sobre o sistema de eleição do Papa. “É um produto do absolutismo medieval romano. É o próprio Papa quem nomeia aos cardeais que elegerão por sua vez o próximo Papa. É tão extraordinariamente difícil uma renovação da Igreja... Exigiu-se, uma e outra vez, que a eleição fosse feita num sínodo de bispos eleitos por todas as conferências episcopais”.

Projeto nacional popular

Onde está?

A análise da conjuntura apresentada no Conselho Permanente da CNBB, no dia 27 de outubro, constata que o projeto de crescimento econômico do governo Lula, “visto a partir dos movimentos sociais, pode ser questionado pela concepção de cidadania, que supõe a inclusão social de toda a população nos seus benefícios. Esta não é uma concessão dos governantes, mas uma conquista que passa, necessariamente, pela força dos movimentos sociais”. Segundo a análise, “a realização processual da cidadania brasileira – o ‘projeto nacional popular’ – mergulha suas raízes no século XIX e ganha consistência nos anos 1950 e 1960. Abortado pelo golpe militar de 1964, ele volta nos anos 1970 com quatro ‘riachos’ que convergem para um rio cada vez mais caudaloso: os movimentos estudantis, a reflexão dos intelectuais, as organizações sindicais no ABC paulista e a prática libertadora das comunidades eclesiais e das Pastorais Sociais. A criação da CUT, o nascimento do PT e a Constituição de 1988 têm aí antecedentes inegáveis. As eleições presidenciais de 1989, 1994 e 1998 opõem a esse projeto nacional popular o projeto de ‘globalização’ neoliberal, nas três vezes vitorioso, mas os movimentos sociais conseguem colocar na pauta dos debates nacionais temas como a dívida externa e as dívidas sociais, a reforma agrária, as terras indígenas e a corrupção eleitoral. A Igreja contribuiu com as Semanas Sociais Brasileiras, os Plebiscitos Populares, a mobilização pela Lei 9840, os Encontros de CEBs, Romarias da Terra e da Água, e muitas outras iniciativas”. E constata que “após quase um ano de governo Lula, surge agora uma pergunta incômoda: Onde está o projeto nacional popular? Entre a esperança e o medo, quem venceu quem? Por que o contingenciamento do orçamento, que ceifa os programas sociais, não se aplica também aos juros? Por que as reformas que respondem às exigências do ajuste fiscal recebem toda prioridade, enquanto a reforma agrária está em segundo plano?”

Movimentos sociais oscilam

Colaboração ou distanciamento crítico

A análise da conjuntura apresentada na CNBB, na semana passada, constata que “os movimentos sociais oscilam entre a colaboração com o governo originário das mesmas lutas e projeto, e o distanciamento crítico que lhes permite denunciar os problemas da população

brasileira e elevar o nível de conscientização e organização do povo. Haverá um meio termo? Será possível colaborar com os esforços governamentais sem se tornarem suas correias de transmissão e, ao mesmo tempo, continuar fortalecendo as mobilizações populares? Por trás desta questão, esconde-se uma avaliação do governo Lula que não é consensual. Há quem perceba nele um campo de disputa (onde só quem participa pode influir) e quem o situe em continuidade com o projeto neoliberal (onde os movimentos sociais não contam). Dependendo da avaliação, a resposta às perguntas anteriores ganha diferentes tonalidades”.

Dívida externa: Santa Sé pede solução do problema

A Santa Sé denunciou as conseqüências que a dívida externa acarreta para o desenvolvimento de países pobres e pediu para que se crie um sistema financeiro que evite, no futuro, estes problemas. Assim explicou o Arcebispo Celestino Migliore, observador permanente da Santa Sé ante as Nações Unidas, ao intervir na sexta-feira passada no Comitê da Assembléia Geral das Nações Unidas que analisava o tema ‘Crise da dívida externa e desenvolvimento’. “O total da dívida externa dos países em desenvolvimento passou dos 1,5 bilhão de dólares em 1990 aos 2,4 bilhões em 2001”, começou constatando o representante do Papa. “O programa para os Países Pobres Altamente Endividados (HIPC, por suas siglas em inglês) não encontrou ainda uma solução duradoura para suas dívidas e para os problemas relacionados com estas”, continuou constatando com tristeza o Arcebispo. “Estas crises recorrentes da dívida provocaram uma perda geral de recursos financeiros ao longo dos anos, fato que priva estas nações de seus recursos essenciais para seu desenvolvimento básico, inclusive dos níveis mínimos de saúde e educação”, denunciou. “É imperativo intervir nesta tendência”, considerou Dom Migliore, sublinhando que para isso “a comunidade internacional enfrenta dois desafios”. Em primeiro lugar, mencionou “a necessidade de encontrar soluções a todos os problemas pendentes da dívida”. Em segundo lugar, insistiu na “necessidade de criar um sistema financeiro duradouro adequado para o desenvolvimento de todos os países”. “As atividades que têm conseqüências duradouras para a vida de populações inteiras, sobretudo seus setores mais pobres, merecem particular atenção e um atento exame moral”, concluiu. A notícia é da **Agência Zenit** e nos foi enviada pelo Setor Pastoral Social da CNBB, dia 29-10-03.

A Bienal de um não-lugar

Afinal, a Bienal ainda não aprendeu nada com a Bienal?

Cristóvão Feil, sociólogo e ensaísta, publica, com o título acima, um artigo na **Agência Carta Maior**, 25-10-03, comentando a Bienal do Mercosul, em Porto Alegre. C. Feil inicia o artigo afirmando que a Bienal do Mercosul “é um evento muito importante, por isso precisamos avaliar a sua expressão e significado; sem entrar em méritos formalistas ou conteudistas, e muito menos fazer juízo de gosto. Que mensagens nos traz? Millôr diz que quem traz mensagens são os Correios, pois bem, que mensagens simbólicas (e essas os Correios jamais trarão) a 4ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul podem nos oferecer. Mercosul? É em Porto Alegre ou no Mercosul? E Mercosul é uma geografia, um nome próprio de lugar? Não seria Cone Sul? Mercosul, até onde se sabe, tem a ver com mercado, com trocas comerciais de mercadorias e serviços, etc. Então, o que artes visuais e cultura têm a ver com mercado, ou com o nosso desmilingüido Mercado Comum do Cone Sul, apelidado de Mercosul?” Depois de uma longa reflexão sobre as artes contemporâneas, Cristóvão Feil conclui: “A Bienal de Porto Alegre (esse deveria ser o seu orgulhoso nome) é resultado das veleidades de uma instituição chamada Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, cuja direção toda ela é formada por empresários de diversos ramos de negócios do Sul. Não é por descuido que o presidente da Fundação seja um banqueiro; ainda que não seja um banqueiro ‘federal’, apenas um banqueiro

'municipal', como diria Drummond. De qualquer forma, é simbólico que um punhado de negociantes sejam os formuladores de uma exposição dessa natureza e calibre, e de que a denominem de um lugar utópico, um não-lugar, chamado Mercosul, e não Porto Alegre, o que seria mais justo e, sobretudo, mais poético. Visitando a exposição e verificando a capacidade expressiva dos seus artistas fica-se com uma sensação de hiato entre a exposição em si e seus proponentes da Fundação. Não há convergência, os caminhos acontecem em direções opostas. Quem sabe a próxima edição da Bienal já ocorra sem o atual nome *kitsch*, para não dizer *fake*; e que a Fundação Bienal deixe de ser um clube de milionários municipais para universalizar os seus conceitos culturais e artísticos e proceder a um *aggiornamento* dos seus estatutos”.

Slow Food Movement

Há um grande movimento na Europa hoje, com base na Itália e ramificações na França, Espanha e em quase todo mundo, chamado *Slow Food*. A *Slow Food International Association* - cujo símbolo é um caracol, tem sua base em Bari, na Itália, e pode ser acessada pelo site www.slowfood.com. O que o movimento Slow Food prega é que as pessoas devem comer e beber devagar, saboreando os alimentos, 'curtindo' seu preparo, no convívio com a família, com amigos, sem pressa e com qualidade. A idéia é a de se contrapor ao espírito do Fast Food e o que ele representa como estilo de vida. A surpresa, porém, é que esse movimento do Slow Food está servindo de base para um movimento mais amplo chamado Slow Europe, como salientou a revista **Business Week** em sua última edição européia. A base de tudo está no questionamento da 'pressa' e da 'loucura' gerada pela globalização, pelo apelo à 'quantidade do ter' em contraposição à qualidade de vida ou à 'qualidade do ser'. Segundo a **Business Week**, os trabalhadores franceses, embora trabalhem menos horas, (35 horas por semana) são mais produtivos que seus colegas americanos ou ingleses. E os alemães, que em muitas empresas instituíram uma semana de 28,8 horas de trabalho, viram sua produtividade crescer nada menos que 20%. Essa chamada *slow attitude* está chamando a atenção até dos americanos, apologistas do *fast* (rápido) e do *Do it now* (Faça já). Portanto, essa 'atitude sem-pressa' não significa fazer menos, nem menor produtividade. Significa, sim, fazer as coisas e trabalhar com mais 'qualidade' e 'produtividade' com maior perfeição, atenção aos detalhes e com menos *stress*. Significa retomar os valores da família, dos amigos, do tempo livre, do lazer, das pequenas comunidades, do 'local' - presente e concreto - em contraposição ao 'global' - indefinido e anônimo. Significa a retomada dos valores essenciais do ser humano, dos pequenos prazeres do cotidiano, da simplicidade de viver e conviver e até da religião e da fé. Significa um ambiente de trabalho menos coercitivo, mais alegre, mais 'leve' e, portanto, mais produtivo, onde seres humanos, felizes, fazem com prazer, o que sabem fazer de melhor. Esta nota nos foi enviada pelo Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - Cepat - com sede em Curitiba, PR.

Frases da semana

Soberania ameaçada

“Nossa soberania foi e é ameaçada. Em nome de uma integração necessária do Brasil no mundo, governantes tornaram nosso país extremamente vulnerável aos movimentos dos capitais especulativos e às pressões das forças políticas que os sustentam.” – Luís Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil – **O Estado de S. Paulo**, 28-10-03.

Não há outra política econômica. A esquerda capitula?

“Nós seguimos esta política, não porque ela é boa, mas porque não há outra.” – Cristovam Buarque, Ministro da Educação – *Libération*, 28-10-03.

“Espetáculo de crescimento não é sinônimo de espetáculo de empregos.” - Antônio Ermírio de Moraes, empresário – *Folha de S. Paulo*, 30-10-03.

“O Presidente Clinton foi persuadido a fazer da redução do déficit sua prioridade número um. Isso significou deixar de lado boa parte da agenda social que motivara tanto ele próprio como a maioria dos seus seguidores.”- Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de economia, lançando seu novo livro *Exuberantes anos 90. Uma nova interpretação da década mais próspera da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003 – *IstoéDinheiro*, 29-10-03.

“Transgênico” – título do editorial do jornal francês *Libération*, 28-10-03, analisando o primeiro ano do governo Lula.

“Enquanto governantes voam constantemente mundo afora, o Fome Zero caminha lentamente, mantendo milhões de pessoas num nível de subsistência mais do que alarmante.” – *Folha Universal*, jornal da Igreja Universal do Reino de Deus – *Folha de S. Paulo*, 29-10-03.

“Saúdo a capacidade do PT de permanecer na esquerda, de manter os compromissos exigidos pelo exercício do poder ao mesmo tempo em que se ocupa da justiça social, mas no rigor para evitar uma crise profunda.” – François Hollande, primeiro-secretário do Partido Socialista Francês, expressando o seu entusiasmo com o governo Lula – *Libération*, 29-10-03.

Lula e a política de conciliação

“Lula está fazendo o possível, mas ao mesmo tempo está exercitando a nossa velha política de conciliação. É na conciliação que está a marca da elite” – Evaristo de Moraes Filho, sociólogo, membro da Academia Brasileira de Letras, em entrevista à coluna de Elio Gaspari – *Folha de S. Paulo*, 2-11-03.

“Desobediência civil cresce a cada dia no Brasil” – José Alencar, vice-presidente do Brasil – *Folha de S. Paulo*, 30-10-03.

“E a reforma agrária no Brasil?”

“E a Reforma Agrária no Brasil?” – perguntou o Papa João Paulo II aos Bispos da Presidência da CNBB durante a visita que lhe fizeram em julho de 2003, no Vaticano, revelando quanto o tema preocupa o Santo Padre” – Nota da CNBB sobre a Reforma Agrária – 31-10-03.

“A Reforma Agrária é imperativo de justiça e de autêntico desenvolvimento, tornando-se imprescindível para evitar uma explosão social de conseqüências imprevisíveis não só no meio rural, mas em toda a sociedade brasileira” - Nota da CNBB sobre a Reforma Agrária – 31-10-03.

Aznar e Lula

“Passei parte da minha vida achando que o Aznar era conservador. E ele passou parte da vida dele achando que eu era um esquerdista. Depois de nos encontrarmos duas vezes, nem ele é tão conservador nem eu sou tão esquerdista.” – Luís Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil

referindo-se ao primeiro-ministro da Espanha, José María Aznar – *Folha de S. Paulo*, 30-10-03.

“Os pobres da América Latina não necessitam de ideologias, mas de acesso à propriedade privada, oportunidades e possibilidades de prosperidade”. – José María Aznar, primeiro-ministro da Espanha, elogiando a política econômica do governo brasileiro – *El País*, 30-10-03.

“Alguns acusam a economia de mercado como a culpada pela crise da América Latina. Permitam-me expressar-lhes o meu mais profundo desacordo.” - José María Aznar, primeiro-ministro da Espanha – *El País*, 30-10-03.

Tolerância religiosa

“A experiência que a Europa inaugurou com o Iluminismo nas relações entre o político e o religioso, ainda que incompleta, deixou sinais que não se encontram, nem no mundo muçulmano, nem no Extremo Oriente e nem na democracia americana.” – Jacques Derrida, filósofo francês, se pronunciando sobre a polêmica desencadeada na Itália com a proibição do juiz de Aquila do uso do crucifixo nas escolas – *La Repubblica*, 29-10-03.

“As condições complexas de vida das sociedades pluralísticas são compatíveis unicamente com um tipo rigoroso de universalismo que consiste no respeito igual por cada um – católico ou protestante, muçulmano ou hebreu, crente ou agnóstico.” – Jürgen Habermas, filósofo alemão, pronunciando-se sobre a polêmica desencadeada na Itália com a proibição do juiz de Aquila do uso do crucifixo nas escolas – *La Repubblica*, 29-10-03.

Somos todos bárbaros!

“Na estrada, somos todos uns bárbaros que partem do princípio segundo o qual todos os outros motoristas são cretinos e idiotas que ocupam um espaço da estrada contra nós e não conosco. Nessa área de nossa vida, infelizmente, grassa a mais patente e trivial barbárie. Daí o velho e incivilizado mote brasileiro: fé em Deus e pé na tábua!” – Roberto Da Matta, antropólogo brasileiro – *O Estado de S. Paulo*, 30-10-03.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Lugar da teologia na universidade do século XXI

No dia 27 de outubro passado, aconteceu uma reunião sobre o Simpósio Internacional **O lugar da Teologia na universidade do Século XXI**. Além da coordenação do IHU, estiveram presentes o Prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas, o Prof. Dr. Pe. Geraldo Kolling, do Centro de Espiritualidade Cristo Rei (Cecrei), a Prof^a. Dr^a. Valburga Schmiedt Streck, professora do Centro de Ciências Humanas, Haide Hupffer, diretora de Extensão, Alexander Mendes, da Central de Eventos, Carolina dos Santos, do Setor de Marketing, Prof. Dr. Pe. José Roque Junges, do Centro de Ciências da Saúde.

S3 Studium

No dia 28 de outubro, a coordenação do IHU recebeu a visita do sociólogo italiano Maurizio Carmignani, acompanhado dos professores Gilson Lima e Enio Klein. O sociólogo conheceu os

projetos e as atividades do IHU, e explicou o funcionamento e a proposta da S3 Studium à coordenação do Instituto Humanitas Unisinos.

Simpósio Internacional

Recursos 1

A coordenação do IHU reuniu-se com o Prof. Enio Klein, da Diretoria de Assuntos Nacionais e Internacionais da Unisinos, na última quinta-feira, dia 30 de outubro, para falar da possibilidade de busca de recursos externos para o Simpósio Internacional ***O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI.***

Recursos 2

No último dia 31 de outubro, ocorreu uma reunião sobre as possibilidades de busca de recursos externos para o Simpósio Internacional ***O lugar da Teologia na Universidade do Séc. XXI,*** entre a coordenação do IHU e Rogério Delanhesi, gerente da Área de Negócios da Unisinos.

Outros cinemas

Para o ano de 2004 o IHU, juntamente com o Centro de Ciências da Comunicação, está organizando um novo evento chamado *Outros Cinemas*. Para analisar as condições técnicas exigidas pela implementação do evento, houve, no dia 29 de outubro, no Anfiteatro Pe. Werner, a apresentação do filme ***Bicho de Sete Cabeças***. Após esta exibição-teste do filme, foi distribuído um questionário para que os participantes, a Prof^a. Dr^a. Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia da Unisinos, o Prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo, coordenador do curso de Ciências Sociais, o Prof. Dármis Corbellini, o Prof. Laurício Neumann e a Prof^a Rosa Maria Serra Bavaresco, os três da coordenação do IHU, e o Prof. Dr. Milton Prado, emitissem a sua opinião.

Simpósio Paranaense das Águas

No dia 31 de outubro, em Curitiba, PR, no TUCA da PUC-PR, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, proferiu uma conferência intitulada *Aspectos ético-teológicos da água*, dentro da programação do Simpósio Paranaense das Águas, realizado nos dias 30 e 31 de outubro.

EVENTOS IHU

IHU IDÉIAS

As barreiras de produção e regulamentação da televisão foram o tema do debate da última edição de ***IHU Idéias***, realizada dia 30 de outubro. O professor Dr. Valério Brittos, do Centro de Ciências da Comunicação, desenvolveu a explanação a partir das duas barreiras mais expressivas no campo da produção televisiva: a barreira estético-produtiva e a barreira político-institucional. O professor considera que pertence à universidade o papel de construir uma televisão com novos ideais de cultura, solidariedade, educação, etc., e que também tenha público e audiência. Após a palestra, o debate suscitou questões sobre a barreira estético-produtiva imposta pelo *Padrão Globo de Qualidade*, da Rede Globo de Televisão, que lidera o mercado televisivo, e sobre a participação da sociedade, por meio de movimentos e organizações sociais, na programação televisiva.

Ecossistema do Evento

“Todas as palestras do *IHU Idéias* são boas, sempre aprendo alguma coisa. O que mais me chamou a atenção entre as informações passadas pelo professor Valério é o aspecto da importância da educação e da cultura na produção da televisão. Seria interessante se conseguíssemos ter espaço para expressar nossas idéias em programas alternativos”.

João Carlos Tomm, pastor evangélico em São Leopoldo.

“Foi uma apresentação consistente como questão das barreiras de entrada da televisão, do padrão de qualidade. O professor abordou muito bem o aspecto das dificuldades econômicas e políticas e a socialização do poder de comunicar não deixando-o apenas para um grupo, uma organização. Apesar de toda a tecnologia que temos, o oligopólio vai continuar. O novo nunca começa pelos pobres. Tudo é produzido pelo mercado, para o mercado”.

Amilton Gláucio de Oliveira, doutorando em Comunicação na Unisinos.

VIOLÊNCIA JUVENIL EM DEBATE NO *IHU Idéias*

No próximo dia 6 de novembro de 2003, o tema do *IHU Idéias* será *Balas perdidas na imprensa: a violência juvenil em debate no RS*. A apresentação ficará a cargo da dupla de professores da Unisinos, Dr. Ronaldo César Henn e Dra. Carmem de Oliveira.

O professor Dr. Ronaldo Henn, do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos, é graduado em Jornalismo, e mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, com tese intitulada *Fronteiras Sistêmicas do Jornalismo*. É autor dos livros *Pauta e Notícia, uma Abordagem Semiótica*. Canoas: Editora da Ulbra, 1996; e *Os fluxos da notícia, uma semiótica sistêmica*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

Professora do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos, a professora Dra. Carmen de Oliveira graduou-se em Psicologia, cursou mestrado em Psicologia Clínica e obteve doutorado na mesma área, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, tendo como título da tese *Brasil, além do ressentimento: cartografias da subjetividade brasileira*. Carmen é autora de *Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

O evento é gratuito e acontece na sala 1G119, das 17h30min às 19h. Ao final, água, café e suco de laranja são oferecidos aos participantes.

Confira a programação do *IHU Idéias* durante o mês de novembro:

13/11/03 – “Olhares sobre o Brasil a partir do cinema nacional” – Prof^a. Dr^a. Miriam de Souza Rossini – Professora na Unisinos

20/11/03 – “Futebol, Mídia e Cultura no Brasil” – Prof. Dr. Edison Luis Gastaldo – Professor na Unisinos

27/11/03 – “Medicina social: a saúde como instrumento de denúncia” – Prof^a. Dr^a. Stela Nazareth Meneghel - Professora na Unisinos

LANÇADOS OS TRÊS PRIMEIROS NÚMEROS DE *MULTITEXTOS*

Sob o título *Multitextos*, o IHU põe à disposição dos professores, pesquisadores e alunos da Unisinos, textos que abordam temas em discussão nas três áreas de concentração do Instituto: Ética, Trabalho e Teologia Pública. São publicados textos em português e traduzidos de outras línguas.

O Cristianismo. Uma religião entre outras?

O primeiro número de *Multitextos*, lançado durante a celebração do segundo aniversário do IHU, intitula-se: **O Cristianismo. Uma religião entre outras?** Um subsídio para o Diálogo Inter-religioso na perspectiva católica. O autor do texto é Karl Lehmann, renomado teólogo alemão, atualmente cardeal de Mainz, na Alemanha e presidente da Conferência Episcopal Alemã.

A Argentina não caiu por si

O *Multitextos* número 2 traz o texto **A Argentina não caiu por si**, tradução do importante artigo publicado no *Washington Post*, em 3 de agosto de 2003, sobre a debâcle argentina, sob o título *A Argentina não caiu por si*. O autor do dossiê é Paul Blustein, jornalista do *Washington Post*, que cobre assuntos de economia e negócios há mais de vinte anos. É pós-graduado pela Universidade de Wisconsin e trabalhou na revista *Forbes* e no *Wall Street Journal*. Ganhador do *Prêmio General Loeb*, a mais alta distinção do jornalismo econômico. Paul Blustein é autor do livro mundialmente comentado *The chastening: inside the crisis that rocked the global financial system and humbled the IMF* traduzido para o português sob o título: **Vexame. Os bastidores do FMI na crise que abalou o sistema financeiro mundial**. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2002.

Oh! Deuses!

Oh! Deuses! é o título do terceiro número de *Multitextos*. Ele consiste na tradução da longa reportagem de capa da revista *Atlantic Monthly*, fevereiro de 2002, feita por Toby Lester. “A religião não começou a desvanecer durante o século XX, como alguns especialistas acadêmicos haviam profetizado. Longe disso. É provável que, neste século, a religião se expanda tanto em intensidade como em variedade. Novas religiões estão brotando em muitos lugares. As antigas sofrem incessantes mutações darwinianas. E o grande ‘problema religião’, no século XXI, pode não ser o que você está pensando” – afirma a revista americana. Quem quiser ter acesso aos textos, entre em contato com humanitas@poa.unisinos.br

CADERNOS IHU IDÉIAS Nº 8 TRATA DE SIMÕES LOPES NETO E A INVENÇÃO DO GAÚCHO

Acaba de ser lançado o oitavo número da publicação *Cadernos IHU Idéias* com o título *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*. A autora é a Prof^ª. Dr.^ª Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. Segundo a autora, “o foco principal do trabalho, centralizado na análise de textos literários, é demonstrar de que modo Simões Lopes Neto cria um mundo ficcional no qual a figura do gaúcho é o elemento fundamental, que encerra em si as características e os valores que viriam a ser considerados essenciais para a identidade dos habitantes da região sul do Brasil”. Comparando Simões Lopes Neto e Jorge Luis Borges, a autora conclui: “O gaúcho, descrito na obra de Simões Lopes Neto, mas também na de outros autores, como Jorge Luis Borges, assume, pela intensidade de sua caracterização individual, uma posição universal”. A publicação tem como base a apresentação da professora no *IHU Idéias* de 4 de setembro de 2003. Os leitores também podem conferir a entrevista concedida por Márcia no *IHU On-Line* número 73, de 1º de setembro de 2003.

ABRINDO O LIVRO

“UM PENSADOR PARA TODAS AS CIÊNCIAS HUMANAS”

Na última quarta-feira, dia 29, a Profª Drª Márcia Tiburi apresentou a sessão de **Abrindo o Livro**, dedicada à obra **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**, de Giorgio Agamben (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002). Márcia é mestre em Filosofia pela UFRGS e doutora em Filosofia pela PUCRS. Também é graduada em Artes Plásticas. Acompanhe, a seguir, a entrevista que ela concedeu a **IHU On-Line** na semana passada, a propósito do tema e os ecos que repercutem nos participantes do evento. Para entender melhor a temática tratada nesta entrevista conferir o **IHU On-Line** número 81, de 27 de outubro de 2003.

IHU On-Line - Quais são os conceitos básicos trabalhados por Agamben?

Márcia Tiburi - Giorgio Agamben é um filósofo muito atual. Não apenas porque está publicando muito hoje em dia sobre a filosofia política (um ramo da filosofia que interessa a muitas áreas de investigação, às instituições e aos indivíduos porque toca no coração de nossas relações humanas), mas porque seus livros aparecem entrelaçando muitos conteúdos complexos de um modo curioso e próprio. Sua origem é a área da estética, mas ele entrelaça-a com a política e o direito, a teologia e a literatura, passando pela história e a antropologia. É, nesse sentido, um excelente filósofo, por saber entrelaçar as questões, temas e abordagens, refazendo o lugar da tradição e escavando com um bom instrumental conceitual o passado das idéias e dos fatos. Ele é um pensador para todas as ciências humanas.

IHU On-Line - Em quais aspectos Homo Sacer se distingue das suas demais obras?

Márcia Tiburi - Ele escreveu sobre artes, história e filosofia. Em *Homo sacer*, ele desenvolve uma teoria armada em questões do século XX e vai, como é próprio de seu método, retrocedendo na história e procurando sua origem. Nesse livro, ele irá discutir a tese básica (e encontrada em outros autores que ele não analisa) de que a biopolítica (termo de Foucault que ele analisa) tem um anti-sujeito, ou seja, um sujeito totalmente objetificado: o *Homo sacer*. Esse indivíduo que, no direito romano, é insuscetível, poderia, contraditoriamente, ser morto por qualquer um. Pois bem, essa figura arcaica é o modelo próprio do indivíduo dentro do campo de concentração nazista. O livro trabalha esse lugar do campo de concentração (como ele bem lembra os Lager [campos] não são apenas nazistas, nem frutos do nazismo, mas podem ser os territórios criados para estrangeiros em qualquer país) como novo paradigma do Estado-nação moderno. Ele é o 4º elemento, espécie de 8º passageiro, de alien. Surgido na crise do Estado, ele diz respeito ao momento em que este decide assumir os cuidados com a vida biológica da nação. O que está em jogo é a inscrição do que ele chama “vida nua” (a *zoé* dos gregos) no interior do universo político (a *pólis* e o *nómos*). A tese que ele encaminha até o final do livro (que inicia cuidando da diferença entre *zoé* (vida nua) e *biós* (vida humana) em Aristóteles e vai construindo a noção do político como oposto a esse terreno para, logo, mostrar seu retorno) é de que, no século XX, temos que olhar o espelho social do campo como paradigma biopolítico do ocidente, o controle do corpo como controle do espaço, o controle da vida como lei, da lei como corpo, do corpo do rei como lei *tout court*. Sua intenção é desvendar a noção do bando, do dentro da lei e do fora da lei, do estado de exceção, da soberania como lugar onde se cria a possibilidade do campo.

IHU On-Line - Agamben é um pessimista, ao modo de Benjamin? Quais as soluções que ele propõe para o paradoxo da “vida nua”?

Márcia Tiburi - O termo pessimismo está cheio de conotações pejorativas, o que deve ser o resultado da soberba humana, da falta de autocrítica que se consegue apenas na cegueira. A noção de humanidade e a solidariedade estão esmagadas e é preciso (como tarefa) reconstituir o ideal de humanidade. Benjamin, como muitos outros filósofos, tem um conceito muito específico do pessimismo. Ele diz respeito ao passado: não ressuscitaremos os mortos e só poderemos melhorar o futuro quando fizermos justiça aos mendigos, aos seres humanos que tratamos como “sobras” da sociedade. Enquanto isso, o oposto do pessimismo não é o otimismo mas a injustiça. Agamben é muito marcado pelo pensamento de Benjamin (para ele o filósofo que sabia a resposta para a questão da teoria da soberania e quem resolveu a questão do estado de exceção junto a Karl Schmitt). De Benjamin ele traz o método: mais do que fazer a genealogia como busca pelo passado, deixar o passado explodir em seus saltos (Ursprung) e mostrar suas verdades recalçadas fazendo filosofia com elas, ou seja, dar luz ao que está nas trevas de nossa ignorância. Mas é preciso estarmos atentos para não repetir Auschwitz, pois as sociedades revivem esquemas arcaicos quando a civilização já fez todas as juras de instauração. A barbárie é o presente. O corpo sempre foi a mira das instaurações mais primitivas do poder e o poder soberano não se dá sem o seu controle. O corpo é o lugar do sofrimento, e o seu controle define uma política. É ele que precisa ser salvo para eliminar o sofrimento. Toda a sua metafísica como política tem como fundo a necessidade (comum a tantas filosofias) de restituir ao pensamento sua vocação prática. O corpo é, nesse ponto, o eixo articulador dessa teoria de faces políticas, estéticas, metafísicas e éticas. Benjamin parece inspirá-lo nesse ponto: a filosofia deve salvar os fenômenos e produzir um estado de esclarecimento que modifique a realidade injusta. A injustiça está para sempre marcada nas definições que estabelecemos do que merece e não merece viver, do corpo aceito e não aceito, matável ou não matável.

Ecos do Evento

“O evento foi notável, gostei muito. A Márcia foi bastante brilhante e profunda nas considerações sobre o livro. Ela deixou todo o mundo com vontade de lê-lo. O problema fundamental que Agamben aborda é a questão do poder numa outra leitura. Ele traz questões do Foucault, que eu trabalho, a questão da política, que se torna biopolítica, a questão do campo de concentração como paradigma político da modernidade. E o mais importante: ele traz o vínculo da vida nua, da via natural, não politizada, com o poder soberano”.

Prof.^a Dr.^a Ivete Keil, professora do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

“Gostei da forma como a Márcia apresentou o livro. Admiro-a pela capacidade de transmitir o conteúdo, demonstrando um profundo conhecimento e vibrando com o que diz e faz. Ela conseguiu, de forma simples e expressiva, abordar um tema difícil, de um autor pouco conhecido entre nós. A dificuldade de Agamben está na visão que ele tem de romper com a forma tradicional de ver a dialética. É um tema abstrato, em que foram ressaltadas algumas questões do Direito que ficaram permeando”.

Rosa Maria Serra Bavaresco, mestranda do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

“Como não li o livro, minha opinião é limitada e baseada na primeira reação que tive com a apresentação. A professora tem uma boa memória filosófica e tem muita inteligência para

relacionar as datas. Como cultura filosófica, acredito que é importante para nós, atualmente, estarmos não somente abertos à problemática atual, a que tratou a professora Márcia sobre Agamben, mas também, e especialmente, os filósofos sociais, já que Agamben tem um problema sociopolítico em sua filosofia. Como a sociedade atual tem governantes e estruturas que impedem o valor da vida humana, de alguma maneira limita as pessoas. Em que medida pode afirmar-se o valor da vida humana desnuda se não se afirma no absoluto? Como pode ter valor a vida humana só relacionada à vida dos demais, se não se afirma na mesma relação o valor do absoluto? Mais do que filosófico, o encontro foi sociológico, por discutir as relações humanas no contexto político. A palestra teve mais nominalismo do que metafísica. Eu deixaria para a professora Márcia uma pergunta: se os alunos de Filosofia e os filósofos de hoje não tocam no tema do absoluto, quando tocam o tema das relações humanas nas relações com a sociedade, a cultura, etc., como podem encontrar a vida nua na verdadeira relação consigo mesmo?”

Prof. Pe. José De Bernardi, padre jesuíta peruano, fundador e dirigente durante 12 anos do Centro de Transferência Tecnológica a Universitários São José, uma incubadora de empresas agrícolas, localizada em Trujillo, Peru, que estimula a formação de empresas agrícolas pelos alunos das cinco universidades de Trujillo.

SALA DE LEITURA

Na última edição do evento **Sala de Leitura**, dia 28 de outubro de 2003, foi apresentado pelo autor o livro *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, de Castor Bartolomé Ruiz, professor do PPG em Filosofia da Unisinos.

Ecos do Evento

“Foi excelente. O Castor é um ótimo professor e escreve de maneira muito bela. Com a apresentação clara e muito simples, ele nos apresentou seu texto, expondo os seus conceitos. A principal novidade e o que me encanta nos paradoxos é o jeito que o Castor nos coloca a pensar alternativas para a crise da modernidade, para essa nossa perplexidade, entre as explicações racionais e a apologia das irracionalidades. Ele nos apresenta que o ser humano é, por natureza, indeterminação criativa”.

Profª. Dr.ª Sinara Robin, professora do Centro de Ciências Humanas.

“Foi bom! Apesar do sotaque, o professor Castor tem desenvoltura com a língua portuguesa e, ainda que o tempo fosse escasso, conseguiu falar do seu livro cuja idéia é a reconstrução de uma razão que co-implique a lógica com a criatividade (ponto fundamental do trabalho dele), construindo, desta forma, uma razão estética, por conseguinte, ética.

Pedro Alles, estudante de Filosofia na Unisinos.

HISTÓRIAS DE OUVINTES NO PRÓXIMO SALA DE LEITURA

A próxima edição do evento **Sala de Leitura**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, será dia 11 de novembro de 2003, das 17h30min às 19h, na sala 1G119, do IHU. Na ocasião, o professor MS Jairo Grisa, do

Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, fará a apresentação do livro de sua autoria **Histórias de ouvintes: a audiência popular no rádio**. Itajaí: Univali, 2003. O professor Jairo é graduado em Publicidade e Propaganda e obteve mestrado em Comunicação e Informação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com dissertação intitulada Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular, a qual lhe rendeu o Prêmio Intercom 2000 - Melhor dissertação de mestrado na categoria Rádio e Televisão, distribuído pela Intercom - Interdisciplinar de Comunicação.

Depois do debate, está programada a sessão de autógrafos. Aos participantes é oferecido água e vinho. O evento tem entrada franca e toda a comunidade acadêmica está convidada a participar.

O professor concedeu a entrevista a seguir a **IHU On-Line** na última semana, sobre o livro que será apresentado.

IHU On-Line- Como o Sr. trabalhou, na sua pesquisa, essa relação entre a rádio Farrroupilha AM, o apresentador Sérgio Zambiasi e as nove mulheres ouvintes?

Jairo Grisa- O trabalho busca justamente compreender este processo: as formas e os porquês destas mulheres ouvintes se conectarem com tal intensidade a um determinado programa de rádio e ao seu mediador, o comunicador Sérgio Zambiasi. O que se busca é revelar categorias que possam auxiliar no entendimento dessa relação: os sentidos culturais da escuta. Vou buscar flagrar tal relação através de métodos qualitativos aplicados ao estudo da comunicação: história oral, história de vida e biografias radiofônicas.

IHU On-Line- Quais as principais conclusões da pesquisa?

Jairo Grisa- O trabalho se caracteriza por ser um estudo exploratório. Não busco conclusões, mas contribuições ao infinito processo de construção do conhecimento. De qualquer forma, percebe-se que a cultura, entendida de forma abrangente, acaba por se revelar como a promotora da forte relação que se estabelece entre o meio de comunicação rádio e sua audiência. São as experiências concretas de vida, os sentimentos, gostos, percepções, tanto do comunicador quanto de sua audiência, que produzem esta conexão.

IHU On-Line -Qual a importância que o Sr. vê em pesquisar rádio em um país onde a TV tornou-se um dos veículos mais populares, além do surgimento de outras tecnologias?

Jairo Grisa- O rádio foi sempre o “primo pobre” nos estudos em comunicação, tanto em estudos acadêmicos quanto em estudos de mercado. Em tempos de novas tecnologias, então, caiu praticamente no esquecimento. Contudo, é um meio que possui ainda uma grande penetração social, tanto quanto a televisão, e penso que muitas questões ainda não foram suficientemente exploradas. Precisamos continuar pensando sobre o rádio. Afinal, foi ele o precursor de muitos formatos e discursos. Quem mediatizou a cultura do melodrama, por exemplo? Foi a radionovela, muito antes da telenovela aparecer. E a tal “interface” das novas tecnologias? Nasceu com o rádio, um meio que propiciou, desde seus primórdios, a participação, a interação com o público.

IHU On-Line- Poderia contar alguma das experiências mais curiosas que o livro apresenta?

Jairo Grisa- O livro traz dez narrativas, quase contos, que nos revelam experiências diversas, todas bastante curiosas. Relato aqui, brevemente, duas delas, que se “ligam” diretamente aos dramas próprios do discurso radiofônico. A vida de Rute, por exemplo. Grávida de nove meses, perde o marido, motorista de ônibus, em um acidente de trânsito. Distante da família, deposita no rádio a função de companhia, de conforto às situações adversas de sua experiência. É o meio que vai afastar a solidão de Rute, cumprindo o papel de um verdadeiro substituto da

presença humana. Daí, advém o sentido cultural de parceria. Ou Marli, abandonada em um orfanato no interior do Estado, é roubada pela avó e, depois, tomada novamente pela mãe. Até completar quarenta anos de idade não sabe que o marido de sua mãe não é o seu verdadeiro pai. Ao descobrir, inicia uma empreitada de busca pelo seu pai genético. Por isso, adora o comunicador do Programa “Comando Maior”: “Quando o Zambiasi diz: ‘fulano desapareceu, vamos dar uma força para esta mãe que está desesperada’. Eu achava aquilo lindo. ‘Vamos procurar o pai desta criança que sumiu’. Eu, me toca muito, quando tem essas mães que abandonam os filhos, que dão os filhos, padrasto que maltrata o enteado, bate no enteado com chicote. Porque tem isso na rádio, pode escutar que tem. E a rádio dá todo o apoio”. O melodrama de Marli é que dá sentido à rádio que escuta. Através da segurança ontológica, a ouvinte busca resgatar uma identidade de filha, e a escuta da emissora dá a ela a certeza de poder sê-la, amparado pelo objetivo concreto do encontro com seu verdadeiro pai. Dessa forma, as experiências das ouvintes vão se interpenetrando à vida que passa pela rádio Farroupilha AM. É o rádio flagrado em um tempo passado, como memória das ouvintes, no presente, como inserção direta do meio no cotidiano, ou ainda no futuro, como desejos e perspectivas de rádio em um porvir.

II JORNADA DE ESTUDOS SOBRE RELIGIÕES E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Com o objetivo de possibilitar a formação conjunta e dialogada de comunidades e lideranças de diferentes religiões ou opções religiosas atuantes na Região Metropolitana de Porto Alegre, o Instituto Humanitas Unisinos, por meio do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (GDIREC), promove a **II Jornada de Estudos sobre Religiões e Diálogo Inter-Religioso** no próximo dia 8 de novembro de 2003, das 9h às 12h, no Auditório Central da Unisinos. A programação inicia com a palestra *A história das religiões e o diálogo inter-religioso*, com o Prof. Dr. Martin Norberto Dreher, do PPG em História da Unisinos. Em seguida, será discutido o *diálogo inter-religioso sob o ponto de vista de três religiões*: Círculo Espírita Francisco de Assis, com o vice-presidente Antônio Cazzuni Dias; Centro de Umbanda Seara de Preta Velha Zimba do Congo, com a Sacerdotisa Mãe Águida Guiomar Pires; Igreja Evangélica Assembléia de Deus, com o Pastor Adalberto dos Santos Dutra. Ao final do encontro, será aberto um espaço para a troca de idéias com as comunidades. A coordenação é do Prof. Dr. José Ivo Follmann, diretor do Centro de Ciências Humanas.

IHU REPÓRTER

Maria Teresa Anselmo Olinto

Coordenadora do PPG em Ciências da Saúde

A história começa a ser contada desde a vinda do casal Albi Anselmo, da Calábria, Itália, para trabalhar no consulado italiano, no Brasil, onde constituíram uma família com seis filhos. Maria Teresa, neta do casal, é filha de Alba, que casou com Adyr Bonfiglio Olinto, natural de Rosário do Sul, que teve cinco irmãos. Este casal, por sua vez, teve seis filhos, o que justifica o caráter alegre e comunicativo de Maria Teresa e uma certa capacidade de aproximação das pessoas mais diversas. Em suas lembranças de infância, estão as



imagens e os sons de uma casa cheia de gente, especialmente nas horas das refeições, e a visão de um horizonte no mar sem limites que gostava de apreciar nos anos em que morou na cidade de Rio Grande, onde nasceu. A coordenadora do PPG em Ciências da Saúde, entre relatos tão sensíveis quanto curiosos ou divertidos, abre sua própria história de vida.

Família- Meu pai tinha uma preocupação permanente com a comunidade. Ele foi responsável pela criação e direção do Museu Histórico da Cidade do Rio Grande, pela criação do Museu Sacro e sua instalação na Capela São Francisco em Rio Grande, onde recebeu o título de cidadão honorário e ganhou as chaves da cidade. Minha mãe era pedagoga, muito católica e sempre valorizou muito a educação. Infelizmente, a perdemos muito cedo. Tenho dois irmãos engenheiros, dois advogados, e uma irmã historiadora, que está muito próxima de mim, que sou epidemiologista, pois tem se voltado para o estudo da história de questões da saúde, como a lepra ou a gripe espanhola.

Com 17 anos, mudei-me para Pelotas, para estudar. Casei e tive uma filha, Ana Paula, de 21 anos. Ela faz Direito na Unisinos e Administração na UFRGS. Ao longo deste semestre, trancou ambos os cursos e está na Itália, na Calábria, trabalhando na AIESEC. Na foto, estamos as duas em Roma, na Fontana de Trevi, numa visita que eu lhe fiz recentemente.

Formação- Na Universidade Federal de Pelotas, formei-me em Nutrição e logo depois fui fazer especialização em Epidemiologia na Fundação Osvaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Voltei a Pelotas, onde fiz o Mestrado em Epidemiologia e posteriormente fui morar em Nova Iorque, onde trabalhei como consultora de saúde da Unicef, avaliando as condições de saúde das crianças do Quênia, na África. Toda essa trajetória fiz com minha filha, ela sempre foi comigo a todos os lugares. Voltei ao Brasil e fiz o Doutorado na Unicamp, sempre na mesma área. Esses anos foram nômades para mim, porque morava em Pelotas, estudava em Campinas e comecei a trabalhar em São Leopoldo, na Unisinos. Em 1999, me dediquei por completo à Unisinos e, em 2000 nos mudamos para Porto Alegre.

Nas horas livres- Caminhar à beira da água me faz muito bem. Isso é o que mais sinto falta do Rio Grande, eu cresci enxergando um horizonte sem limites. Mas quando estou em Porto Alegre, nas horas livres, leio, fico com a família, ou então, viajo sempre que posso...

Uma grande paixão- Fazer pesquisa epidemiológica.

Um presente- Ter minha família por perto.

Um grande sonho- Ter netos.

Epidemiologia- Algo que me dá extrema satisfação. Ela tem como objetivo final a promoção à saúde.

PPG em Ciências da Saúde- Ele já tem um ano e dois meses, e eu tenho muita satisfação em ter participado do grupo que criou e implementou esse Programa.

Unisinos – Um lugar onde gosto muito de trabalhar. Encontrei no credo e missão da Universidade valores semelhantes aos que aprendi com meus pais.

IHU- Não convivo muito com o Instituto Humanitas Unisinos, mas sim com algumas pessoas que a ele pertencem. É um ambiente que faz a Universidade não se desviar de sua missão. Um foco de promoção dessa missão.

Meu Clássico

Dinora Fraga da Silva responde.

*A professora Dinora é graduada em Letras e Filosofia, é mestre em Letras e doutora em Lingüística pela Universidade de São Paulo (USP), com tese intitulada Raciocínio e argumentação no discurso infantil. Professora do PPG em Lingüística Aplicada da Unisinos, é autora de diversos livros, sendo o mais recente **Comunicação e Ciberspaço** (São Leopoldo: Unisinos, 2001).*

Que autores mais influenciaram a sua formação intelectual?

Os autores que mais influenciaram minha formação intelectual têm a ver com o estruturalismo e com a busca de sua superação, o que dura até hoje. Otto Maria Carpeaux, com sua coleção História da Literatura Ocidental (Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959) foi importante. Eu buscava, nos anos 1970, uma abordagem da literatura comprometida em traçar um panorama dos principais autores do Ocidente sem segmentá-los em “diversas literaturas”. Era, então, a busca do universal no particular. Tratava-se de uma costura interna, das principais linhas estéticas filosóficas e sociais, para além de uma mera história da literatura apoiada de maneira isolada em dados de autores e suas obras, como era comum na época. Na linha dos estudos lingüísticos, foi decisiva para os anos que se seguiram, em meu trabalho de professora universitária, voltado aos estudos lingüísticos, a teoria lingüística de Noam Chomski.

Que autores mais respondem às suas inquietações atuais?

Hoje, na superação de Chomski, busco trabalhar com teorias lingüísticas através de uma composição teórica entre textos da história da ciência e dos estudos cognitivos, inseridos na discussão de paradigmas. Os principais autores atualmente são: Humberto Maturana, Antônio Damásio, Edgard Morin, Michel Maffesoli (que me orientam para a dimensão da superação da dicotomia do sentir e pensar na escolha das teorias para a pesquisa em lingüística, assim como na busca de uma preocupação estética [estesia: sentimento do belo] na teorização do fazer lingüístico. Em lingüística, estudo Jean Paul Bronckart e Charaudeau, ambos me auxiliam a compreender a linguagem como comunicação; os semioticistas Greimas e Fontanille, que me subsidiam com a dimensão estética dos fatos lingüísticos, em sua última fase em que assumem uma abordagem hermenêutica dos estudos da linguagem.

Que autores contemporâneos lê com mais atenção?

Os autores contemporâneos que leio com mais atenção são aqueles que me ajudam a avançar na superação das dicotomias e fragmentações e a compreender e aprofundar o que assumo como um novo ambiente de existência, a cibercultura: Pierre Levy, Kherchov, Philippe Forget e Gilles Polycarpe, Roy Ascott e outros, além dos que citei. Tenho um campo de leitura que é a busca da superação da dicotomia espírito - matéria. Penso que o espírito pode ser pensado como um novo paradigma científico, complementar à abordagem da matéria como o paradigma que tem orientado a produção científica no Ocidente. Então leio, principalmente, os físicos Capra, Amit Goswami, David Bohm, Basarab Nicolescu, Lupasco. Nesse percurso, o tema da

transdisciplinaridade surge comprometido com uma determinada visão de mundo – o das conexões .

Sala de Leitura

Confira o que estão lendo os professores e professoras da Unisinos.



“Minha leitura atual é **Desenvolvendo a competência dos profissionais**, de Guy Le Boters (Porto Alegre: Bookman, 2003). O livro fala sobre a questão das competências, abordando esse tema a partir de três enfoques principais. O primeiro deles é a importância de articular e mobilizar as competências para poder gerar a ação, o foco em resultado. O segundo enfoque é sobre a trajetória profissional, com ênfase no autodesenvolvimento. A terceira abordagem é um tema que poucos autores tratam: a questão da importância das competências coletivas, da cooperação e interação entre as pessoas. A abordagem do autor enfatiza a competência nesses três eixos, falando da educação, (qualificação, desenvolvimento), da questão da trajetória profissional e do aspecto mais pessoal, da trajetória de vida da pessoa, que contribui para sua formação e competência”.

Prof.ª Dr.ª Claudia Bitencourt. Doutora em Administração e professora do Centro de Ciências Econômicas da Unisinos.



“Estou lendo e traduzindo o manuscrito **Die Deutsche Jesuiten-Mission in Rio Grande do Sul** (A missão dos jesuítas alemães no Rio Grande do Sul), do Padre Ambros Schupp, que foi o maior historiador jesuíta da Província Brasil Meridional. Provavelmente será publicado pela Editora Unisinos. Padre Schupp lecionou no Seminário de Formação do Clero de Porto Alegre, foi professor do Colégio Conceição de São Leopoldo, fundou a Escola de Engenharia de Porto Alegre e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Escreveu dezenas de artigos e obras, com um conteúdo basicamente histórico. Este livro que estou lendo, eu diria que é a obra mais importante dele, pois retrata e fixa a história, não só dos jesuítas, mas a história do Rio Grande do Sul, em termos de educação, formação do clero e organização paroquial, no período entre 1870 e 1912. Além da produção de livros históricos, Padre Schupp tem uma vasta produção literária. Ele também escreveu novelas, peças teatrais e poesias. Realizou vários feitos, mas se tornou famoso por causa da sua obra **Os Mucker** (Porto Alegre: Selbach & Mayer, 1905).

Prof. Dr. Arthur Rambo. Doutor e pós-doutor em Filosofia e professor do PPG em História da Unisinos.



“Estou lendo o livro **Quando Nietzsche chorou**, de Irvin D. Yalom (Rio de Janeiro: Ediouro, 2001). O autor do livro é psicoterapeuta e professor de Psiquiatria na Escola de Medicina de Stanford. É um livro de ficção, que aborda o encontro entre um médico austríaco chamado Josef Breuer e o filósofo alemão Friedrich Nietzsche na Viena do final do século XIX. Josef Breuer foi mentor e amigo pessoal de Sigmund Freud. No livro, Nietzsche é filósofo e professor afastado da cátedra, que publicou dois livros com pouco sucesso comercial, e encontra-se em depressão. Para que Nietzsche aceite ser tratado por Breuer, é estabelecido um pacto em que o primeiro auxiliará o médico a encontrar respostas para questões existenciais que o perseguem. O livro mistura, de forma rica e instigante, a técnica da psicanálise e o exercício da reflexão e do questionamento propostos pela filosofia”.

Prof.ª Dr.ª Teniza da Silveira. Doutora em Administração e professora do PPG em Administração da Unisinos.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio <http://www.ihu.unisinos.br/>. Sua versão impressa circula internamente na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS